



UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

LUZIANNE DOS SANTOS

**A REVISTA TICO-TICO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA
BRASILEIRA (1905-1910)**

**ARACAJU
2023**

LUZIANNE DOS SANTOS

**A REVISTA O TICO-TICO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA
BRASILEIRA (1905-1910)**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

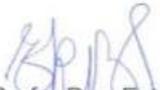
**PROFA. DRA. ESTER FRAGA VILAS BÔAS CARVALHO NASCIMENTO
ORIENTADORA**

**ARACAJU
2023**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em 13/03/2023

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho Nascimento (Orientadora)
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)

Documento assinado digitalmente

 ROSIMERI FERRAZ SABINO
Data: 11/05/2023 16:56:52-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Rosimeri Ferraz Sabino
Universidade Federal de Sergipe – (UFS)

Documento assinado digitalmente

 SOLYANE SILVEIRA LIMA
Data: 11/05/2023 19:28:25-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Solyane Silveira Lima
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – (UFRB)


Profa. Dra. Simone Silveira Amorim
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)


Profa. Dra. Laisa Dias Santos
Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)

S237r Santos, Luzianne dos
A revista tico-tico como espaço de formação da criança brasileira (1905-1910) /
Luzianne dos Santos; orientação [de] Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas Bôas Carvalho
Nascimento – Aracaju/ SE: UNIT, 2023.

86 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tiradentes 2023

1.Tico-tico 2. Impressos 3. Práticas pedagógicas 4. Formação da criança brasileira 5.
Educação extraescolar I. Santos, Luzianne dos II. Nascimento, Ester Fraga Vilas Bôas
Carvalho (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 371.133

Gislene Maria S. Dias CRB-5/1410

“A dificuldade de começar de forma válida um trabalho tem, frequentemente, origem numa preocupação de fazê-lo demasiado bem e de formular desde logo um projeto de investigação de forma totalmente satisfatória. É um erro. Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica. Muitos vivem esta realidade como uma angústia paralisante; outros, pelo contrário, reconhecem-na como um fenómeno normal, numa palavra, estimulante”.

Quivy & Campenhoudt

AGRADECIMENTOS

*“Nem tão longe que eu não possa ver
Nem tão perto que eu possa tocar
Nem tão longe que eu não possa crer
Que um dia chego lá
Nem tão perto que eu possa acreditar
Que o dia já chegou”!*

O caminho para fechamento de um ciclo não é traçado sozinho. Aqui deixo meu agradecimento a todos que fizeram para de forma direta e indireta para eu chegar até aqui.

À Deus, pela benção da vida e a energia de meu viver.

Aos meus pais Maria José e Antônio pelo amor incondicional e pelas orações, incentivos e ensinamentos para a vida.

Às minhas amigas Laisa Dias e Micheline Roberta, sou muito grata e feliz por poder partilhar a vida com vocês.

À Professora Dra. Raylane Barreto, minha primeira orientadora. A você gratidão sempre.

À Professora Dra. Vera Maria dos Santos, minha segunda orientadora. Obrigada pela parceira durante o período que esteve comigo.

À Professora Dra. Ester Fraga pela acolhida, parceria e compreensão. Sou muito grata pelos seus ensinamentos, desde o período da iniciação científica, mesmo não sendo sua orientanda no período da iniciação científica aprendi muito com o seu exemplo de pessoa e profissional comprometida com a pesquisa em Educação.

Aos companheiros de jornada que doutorado me proporcionu e juntos partilhamos interesses pela pesquisa. Em especial a Antenor Neto, André, Cynara e Eliodete! Muito obrigada por tudo.

Aos Integrantes do Grupo de pesquisa História das Práticas Educacionais, em especial a Kadja por todo apoio e incentivo.

Aos professores do Programa de Pós-graduação da Universidade Tiradentes pelos ensinamentos e contribuições no processo de formação.

A Cleverton Mota, secretário acadêmico do Programa de Pós graduação em Educação, pela prontidão em atender nossas demandas.

À Nauro Araújo, presença incansável, obrigado pelo amor e apoio de todos os momentos.

Gratidão!

RESUMO

Este estudo está vinculado à área de concentração em Educação, na Linha de Pesquisa em Educação e Formação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT) e, ao Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/PPED/UNIT/CNPq). Fundamentado na História Cultural, esta pesquisa teve como objeto de estudo as práticas pedagógicas presentes na revista O Tico-Tico (1905-1910). O objetivo geral foi analisar as práticas pedagógicas presentes nos textos e imagens de quatro sessões da revista O Tico-Tico, bem como a sua contribuição para a formação da criança brasileira (1905-1910). Para tanto, tomamos como objetivos específicos mapear as produções sobre o periódico, de modo a perceber o que tem sido objeto de estudo no âmbito dessas produções, a partir do gênero, da formação da criança e, da literatura infantil; construir perfis biográficos dos intelectuais idealizadores do projeto editorial inicial da revista O Tico-Tico, a fim de compreender suas vinculações políticas e preocupações sociais à época; e, discutir a revista como um veículo de circulação de práticas pedagógicas para a formação de crianças brasileiras. Os conceitos que nortearam essa investigação foram: Representações (CHARTIER, 1990), Identidade (GOMES, 2005) e, Intelectual (SIRINELLI, 2003). Neste trabalho foram utilizadas como categorias de análise Educação Extraescolar (NASCIMENTO, 2008) e, Práticas Pedagógicas (BERTINATTI, 2011). O cruzamento e análise das fontes, a partir do referencial teórico-metodológico definido, permitiram confirmar a tese defendida que as práticas pedagógicas presentes no periódico estavam embasadas no método intuitivo, a exemplo das práticas de leitura, de escrita, com uma linguagem direcionada à idade infantil, sempre dando ênfase aos valores éticos e morais, e a um comportamento condizente à formação do cidadão necessário à República.

Palavras-chave: O Tico-Tico. Impressos. Práticas Pedagógicas. Formação da Criança Brasileira. Educação Extraescolar.

ABSTRACT

This study is linked to the area of concentration in Education, in the Line of Research in Education and Teacher Training of the Graduate Program in Education (PPED/UNIT) and, to the Research Group History of Educational Practices (GPHPE/PPED/UNIT/ CNPq). Based on Cultural History, this research had as object of study the pedagogical practices present in the magazine O Tico-Tico (1905-1910). The general objective was to analyze the pedagogical practices present in the texts and images of four sessions of the magazine O Tico-Tico, as well as their contribution to the formation of Brazilian children (1905-1910). For that, we took as specific objectives to map the productions about the periodical, in order to perceive what has been object of study in the ambit of these productions, from the genre, the formation of the child and, of the children's literature; build biographical profiles of the intellectuals who idealized the initial editorial project of the magazine O Tico-Tico, in order to understand their political connections and social concerns at the time; and, to discuss the magazine as a vehicle for the circulation of pedagogical practices for the education of Brazilian children. The concepts that guided this investigation were: Representations (CHARTIER, 1990), Identity (GOMES, 2005) and Intellectual (SIRINELLI, 2003). In this work, Extracurricular Education (NASCIMENTO, 2008) and Pedagogical Practices (BERTINATTI, 2011) were used as analysis categories. The crossing and analysis of the sources, based on the defined theoretical-methodological framework, allowed confirming the thesis that the pedagogical practices present in the journal were based on the intuitive method, such as reading and writing practices, with age-oriented language child, always emphasizing ethical and moral values, and behavior consistent with the formation of the citizen necessary for the Republic.

Keywords: O Tico-Tico. Printed matter. Pedagogical Practices. Brazilian Child Education. Extra-School Education.

RESUMEN

This study is linked to the area of concentration in Education, in the Line of Research in Education and Teacher Training of the Graduate Program in Education (PPED/UNIT) and, to the Research Group History of Educational Practices (GPHPE/PPED/UNIT/ CNPq). Based on Cultural History, this research had as object of study the pedagogical practices present in the magazine O Tico-Tico (1905-1910). The general objective was to analyze the pedagogical practices present in the texts and images of four sessions of the magazine O Tico-Tico, as well as their contribution to the formation of Brazilian children (1905-1910). For that, we took as specific objectives to map the productions about the periodical, in order to perceive what has been object of study in the ambit of these productions, from the genre, the formation of the child and, of the children's literature; build biographical profiles of the intellectuals who idealized the initial editorial project of the magazine O Tico-Tico, in order to understand their political connections and social concerns at the time; and, to discuss the magazine as a vehicle for the circulation of pedagogical practices for the education of Brazilian children. The concepts that guided this investigation were: Representations (CHARTIER, 1990), Identity (GOMES, 2005) and Intellectual (SIRINELLI, 2003). In this work, Extracurricular Education (NASCIMENTO, 2008) and Pedagogical Practices (BERTINATTI, 2011) were used as analysis categories. The crossing and analysis of the sources, based on the defined theoretical-methodological framework, allowed confirming the thesis that the pedagogical practices present in the journal were based on the intuitive method, such as reading and writing practices, with age-oriented language child, always emphasizing ethical and moral values, and behavior consistent with the formation of the citizen necessary for the

Republic.Palabras clave: Tico-Tico. Impreso. Prácticas pedagógicas. Formación del Niño Brasileño. Educación extraescolar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre a revista O Tico-Tico.....	34
Quadro 2 – Artigos sobre a revista O Tico-Tico.....	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da Revista O Tico-Tico	23
Figura 2 - Faces de Chiquinho	50
Figura 3 – Faces de Chiquinho.....	51
Figura 4 – “As Desventuras de Chiquinho”.....	53
Figura 5 – Luís Bartolomeu De Souza e Silva	55
Figura 6 – José Carlos de Brito Cunha.....	56
Figura 7 – Luiz Sá de Araújo	59
Figura 8 – Manoel Bomfim.....	61
Figura 9 – Angelo Agostini (1843-1910)	62
Figura 10 - Capa criada por Angelo Agostini no ano de 1906	63
Figura 11 - Lição de Vovô (1905)	67
Figura 12 - Lição de Vovô (1909)	69
Figura 13 - Gaiola do Tico-Tico (1905).....	71
Figura 14 – Gaiola d’o Tico-Tico (1906)	73
Figura 15 – História do Brasil em Figuras.....	75
Figura 16 – As Desventuras de Chiquinho (1907).....	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Número de publicações anuais da Revista O Tico-Tico.....25

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PÁGINAS	16
1.1 Da fonte ao percurso metodológico	21
2 FOLHEANDO OUTRAS PÁGINAS: UMA REVISTA, MÚLTIPLOS OLHARES ...	27
2.1 Gênero nas páginas da Revista O Tico -Tico	28
2.2 Formação nas Páginas da Revista O Tico -Tico	29
2.3 Literatura nas Páginas da Revista O Tico -Tico	32
2.4 Os Livros que tratam da Revista O Tico -Tico	37
3 OS INTELLECTUIAS DA REVISTA O TICO-TICO	42
3.1 Sobre a Revista O Tico -Tico	43
3.2 “O Brasileiro Chiquinho”	48
3.3 Sobre os Idealizadores e Artistas de O Tico-Tico	54
3.3.1 Luís Bartolomeu de Souza e Silva	54
3.3.2 José Carlos de Brito Cunha	55
3.3.3 Luiz Sá de Araújo	58
3.3.4 Renato de Castro	59
3.3.5 Manoel Bomfim	61
3.3.6 Angelo Agostini	62
4 A REVISTA TICO-TICO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA BRASILEIRA	65
4.1 Sobre as Práticas Pedagógicas e a Educação Extraescolar na Revista	65
5 ÚLTIMAS PÁGINAS	79
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICES	84

1 PRIMEIRAS PÁGINAS

Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto, enquanto a bruma que encobre os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor. Seu maior mérito talvez seja menos defender uma tese do que comunicar aos leitores a alegria de sua descoberta, torná-los sensíveis - como ele próprio o foi - às cores e aos odores das coisas desconhecidas (ARIÈS, 1981, p. 10).

Este estudo está vinculado à área de concentração em Educação, na Linha de Pesquisa em Educação e Formação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT) e, ao Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/PPED/UNIT/CNPq).

Como revelou a epígrafe, “o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto”. Com tal visão, comecei experienciar no processo de coleta de dados da pesquisa de Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes no ano de 2016, ao me deparar com um entrevistado que rememorou sobre a revista O Tico-Tico como um impresso que fez parte da sua formação em meados da década de 1930.

Ao ouvir sobre a revista algumas inquietações começaram a povoar minha memória, as quais tornaram-se minhas questões norteadoras: Quais os conteúdos abordados na revista? Qual o público leitor da revista? Para quem de fato se destinava tal revista? A partir daquele momento comecei a buscar dados sobre a revista e percebi que se tratava de um impresso destinado a formação da juventude brasileira na época que circulou, considerando as produções já existentes. Que formação era essa? Tinha relação com a escola? Porém, ao percorrer as páginas da revista, tais indagações foram se tornando pontuais levando em consideração os conteúdos, as histórias em quadrinhos, as cores, os personagens, a organização gráfica dos temas, dentre outros aspectos presentes nas edições.

No entanto, só no ano de 2017, na seleção de Doutorado em Educação da Universidade Tiradentes, pude me aprofundar nestas questões, quando

apresentei o anteprojeto intitulado Revista O Tico-Tico: circulação e apropriação em Sergipe e Rio de Janeiro (1905-1961). Essa proposta de pesquisa tinha como objetivo analisar a circulação e a apropriação da revista em Sergipe e no Rio de Janeiro (1905-1961). Posteriormente, o anteprojeto foi modificado para Entre cores e quadrinhos: a concepção de educação e infância na Revista O Tico-Tico (1905-1961), e tinha como objetivo compreender a concepção de educação e de infância a partir da revista.

Sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vera Maria dos Santos e dos apontamentos realizados pela Prof.^a Dr.^a Simone Silveira Amorim no Seminário de pré-qualificação, bem como as contribuições da Prof.^a Dr.^a Ilka Miglio de Mesquita, surgiram algumas modificações para melhor desdobramento da pesquisa. O projeto apresentado no Seminário de Pesquisa contemplava os 56 anos de circulação da revista, e isso tornava inviável a realização da pesquisa, levando em consideração que a revista teve aproximadamente quatro mil exemplares durante todo o seu período de circulação.

Dentre as alterações sugeridas estavam: a redefinição do marco temporal para um número possível de análise, levar em consideração a influência francesa¹ adotada pelos idealizadores da revista para a produção e organização dos conteúdos e, o foco no ineditismo da pesquisa levando em consideração as produções já existentes sobre a revista.

Assim, tendo em vista as observações da Banca de Qualificação, foi necessário reformular minhas questões de pesquisa: Como a revista O Tico-Tico contribuiu para a construção da identidade nacional, bem como a consolidação e desenvolvimento da República? A Revista Tico-Tico foi um veículo de divulgação de práticas pedagógicas extraescolares contribuindo na formação da criança brasileira?

A partir de tais questionamentos tomamos como objeto deste estudo as práticas pedagógicas presentes na revista O Tico-Tico (1905-1910). Diante disso o objetivo geral desta pesquisa é analisar as práticas pedagógicas

¹ Entre as versões existentes sobre o modelo editorial d'O Tico-Tico, uma das mais difundidas é que ele se baseara na revista La Semaine de Suzette. Manoel Bomfim ficara profundamente impressionado com o periódico que conhecera durante sua permanência na França onde fora em viagem de estudos e na volta integrara o grupo idealizador do futuro O Tico-Tico informando-o do seu sucesso de público (CARDOSO, 2008, p. 2).

extraescolares presentes nos textos e imagens da revista O Tico-Tico, bem como a sua contribuição para a formação da criança brasileira, de 1905, ano de sua fundação, até 1910, quando o projeto original do periódico se mantém. A definição dos primeiros cinco anos também se justifica pelo fato de entendermos que esse período de sua circulação foi um período de efervescência de ideias e criação de instituições que contribuíram para a construção da identidade nacional e, conseqüentemente, para a consolidação da República brasileira. O estudo dos primeiros cinco anos da revista, de seus textos seções e imagens possibilita a compreensão das preocupações sociais da época, bem como das práticas pedagógicas de ordem social e moral e das representações da infância e das crianças brasileiras.

O objetivo geral foi analisar as práticas pedagógicas presentes nos textos e imagens de quatro sessões da revista O Tico-Tico, bem como a sua contribuição para a formação da criança brasileira, no marco temporal definido. Para tanto, tomamos como objetivos específicos mapear as produções sobre o periódico, de modo a compreender o que tem sido objeto de estudo no âmbito dessas produções, a partir do gênero, da formação da criança e, da literatura infantil; construir perfis biográficos dos intelectuais idealizadores do projeto editorial inicial d'O Tico-Tico, a fim de compreender suas vinculações políticas e preocupações sociais à época; e, discutir a revista como um veículo de circulação de práticas pedagógicas para a formação de crianças brasileiras

O Brasil do período que abrange as primeiras décadas do século XX, foi palco de importantes transformações, como por exemplo, a efervescência da passagem do regime político administrativo de Império para República. Embora o marco da Proclamação tenha sido em 15 de novembro de 1889 é importante destacar que as primeiras décadas pós-Proclamação foram marcadas por lutas e disputas, sobretudo as resistências expressas pelos adeptos do antigo regime.

A tese defendida nessa investigação é que a Revista O Tico-Tico veiculou em seus textos e imagens de práticas pedagógicas calcadas em uma educação extraescolar importante para construção da identidade nacional, bem como a consolidação e desenvolvimento da República brasileira. Com base nessas ideias, o periódico, além de entreter e informar, deveria também educar a criança brasileira. Os conceitos que norteiam essa discussão são: Representações, de Chartier (1990), Identidade, de Gomes (2005) e, Intelectual, de Sirinelli (2003).

Neste trabalho foram utilizadas como categorias de análise Educação Extraescolar de Nascimento (2008) e, Práticas Pedagógicas de Bertinatti (2011).

A noção de representações que sustentará as discussões nessa investigação está ancorada nos estudos de Roger Chartier (1990). De acordo com o autor, as representações do mundo social

[...] assim, construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Para o autor, “[...] as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17). Dessa maneira,

[...] pode pensar-se as representações do mundo social – que à revelia dos actores sociais, traduzem posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostaria que fosse (CHARTIER, 1990, p. 19).

A representação é aqui a demonstração e uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. É a coisa ou a pessoa mesma que constitui sua própria representação (CHARTIER, 2011, p. 17). Assim ao levar em consideração a importância desse periódico, bem como da sua representação entendi que o mesmo contribuiu para a formação de uma identidade nacional.

Nesse sentido, o conceito de identidade que norteia as discussões nesse estudo está sob a ótica de Gomes (2005, p. 41), para quem, “[...] a identidade não se prende ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sociopolítico e histórico em cada sociedade”. Nesse sentido nós aprendemos a nos situar na sociedade, bem como ensinamos a outros menos experientes por meio de práticas sociais em que relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar.

A noção de Intelectual que será aqui trabalhada ancora-se nos estudos de Jean François Sirinelli (1996),

Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta. (SIRINELLI, 1996, p. 242).

Na concepção do autor, existem duas categorias de intelectual: a primeira seria abrangente, incluindo todos os sujeitos envolvidos com atividades laborais associadas ao escrito, tanto como criadores, como na qualidade de mediadores. Nessa primeira concepção, os processos de criação, divulgação e recepção dos produtos culturais é pensado de forma ampla, permitindo que se mapeie uma enorme diversidade, de forma horizontal. Criação e mediação aparecem como termos associados na vasta trama da cultura, tal como se movimenta e ganha forma em contextos espaço-temporais definidos (SIRINELLI, 1994, p. 9). Nesse sentido, a primeira ampla e sociocultural, engloba os criadores e os mediadores culturais. A essa categoria pertencem os que participam na criação artística e literária, ou do progresso do saber, sendo que os mediadores contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber.

A segunda é mais estreita e está baseada na noção de engajamento, e pode ser entendida segundo modalidades específicas, como por exemplo, a assinatura de manifestos -, testemunho ou consciência (SIRINELLI, 2003). Refere-se à participação na coletividade, de modo a interferir e buscar contribuir nas decisões de carácter conjunto, embora nem sempre de interesse comum, ou seja, na condução política, no seu sentido lato (SIRINELLI, 1994, p. 9–10). Nesse sentido, o engajamento é analisado como uma construção histórica, que comporta uma cronologia, metamorfoses e interações com contextos específicos. É o engajamento que distingue a caracterização do intelectual, tal como é representado na contemporaneidade, e que, em grande medida, naturalizou-se como traço da intelectualidade. Sirinelli (1994, p.10), acrescenta, ainda, que “todo grupo de intelectuais se organiza a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver”.

1.1 Da Fonte ao Percurso Metodológico

Livros, revistas, cartas, jornais, constituem-se fontes diversificadas para a pesquisa histórica. O trato com a fonte é um dos elementos fundamentais no processo investigativo. Assim, em primeiro lugar, trabalhei as revistas como fontes no sentido proposto pela História Cultural, entendida aqui como “[...] a análise do trabalho de representações, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo e de um espaço (CHARTIER, 1988, p. 27). A história cultural permite a abertura e a confluência de outras abordagens, de outros métodos, de outras ciências, o que recai na ampliação de seu espectro e em novas análises e interpretações dos fatos históricos.

Nesse sentido, o pesquisador consegue fazer o que Chartier (1987) denominou por “captar história de um determinado impresso” e, assim, perceber os conflitos, maiores e menores, que se ocasionaram desde a produção da revista até a sua circulação e a sua apropriação pelos leitores. É com esse entendimento que tomo a Revista o Tico-Tico como objeto e fonte dessa investigação.

Criada em 11 de outubro de 1905, e publicada semanalmente na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XX, a revista O Tico-Tico é reconhecida como a primeira revista ilustrada colorida brasileira voltada para o público infantil, bem como a pioneira na publicação de histórias em quadrinhos. A sua primeira edição foi lançada pelo “O Malho²”, e teve como responsáveis o escritor e jornalista Manuel Bonfim, o poeta Cardoso Júnior e os jornalistas Renato de Castro e Luiz Bartolomeu de Souza e Silva.

Quando criada, sua periodicidade era semanal, depois mensal e, posteriormente, bimestral até seu encerramento em 1961, quando foram criados outros periódicos, a exemplo da Revista Recreio que colocou em xeque os

² Gráfica responsável pela publicação da revista durante todo o período de circulação. Localizada na rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, nº 139.

custos e seções da revista. Nas páginas da sua edição de lançamento é possível encontrar algumas informações que revelam sobre o objetivo da revista:

Este jornalzinho se destina exclusivamente ao uso, à leitura, ao prazer, à distração das crianças. Não queremos a atenção nem o aplauso da gente grande: os pequeninos, os inocentes, os simples formarão o nosso público. [...] Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão, nas páginas d'O Tico-Tico, para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante, elas poderão dizer, com orgulho: 'Os marmanjos têm os seus jornais? Pois nós também temos o nosso jornal, que é feito para nós, 'exclusivamente para nós!' E não somente os pequeninos nos hão de agradecer! Todas as mãis, todos os que verdadeiramente amam as crianças hão de compreender que a nossa tentativa é digna de apoio (O TICO-TICO, 1905, p. 3).

É importante ressaltar que a citação não menciona o autor, o que nos leva a entender que ela foi assinada por seu corpo editorial. A capa da edição inaugural de 11 de outubro de 1905 (Figura 1), apresenta uma história composta por dois quadrinhos intitulada Manda quem pode. A narrativa revela uma suposta reivindicação feita por um grupo crianças cobrando O Malho sobre a criação de um periódico voltado, especificamente, para o público infantil, que até então não existia.

Figura 1 - Capa da Revista O Tico-Tico



Fonte: O TICO-TICO, 1905.

O quadrinho da esquerda apresenta um grupo de crianças fazendo a seguinte reivindicação: “- Queremos um jornal exclusivamente para nós. Você, seu Malho é muito bem-feito, muito divertido, mas... não nos basta!” No quadrinho da direita O Malho então respondeu:

Eu acho que vocês todos tem razão. Na verdade, chega ser uma injustiça que no Brasil todas as classes tenham o seu jornal e só vocês não tenham. Pois bem! Futuros salvadores da Pátria e mães de família futuras, d’aqui em diante as quartas-feiras, exigi de vossos Paes o Tico-Tico (O Tico-Tico – 11/05/1905 – p. 1).

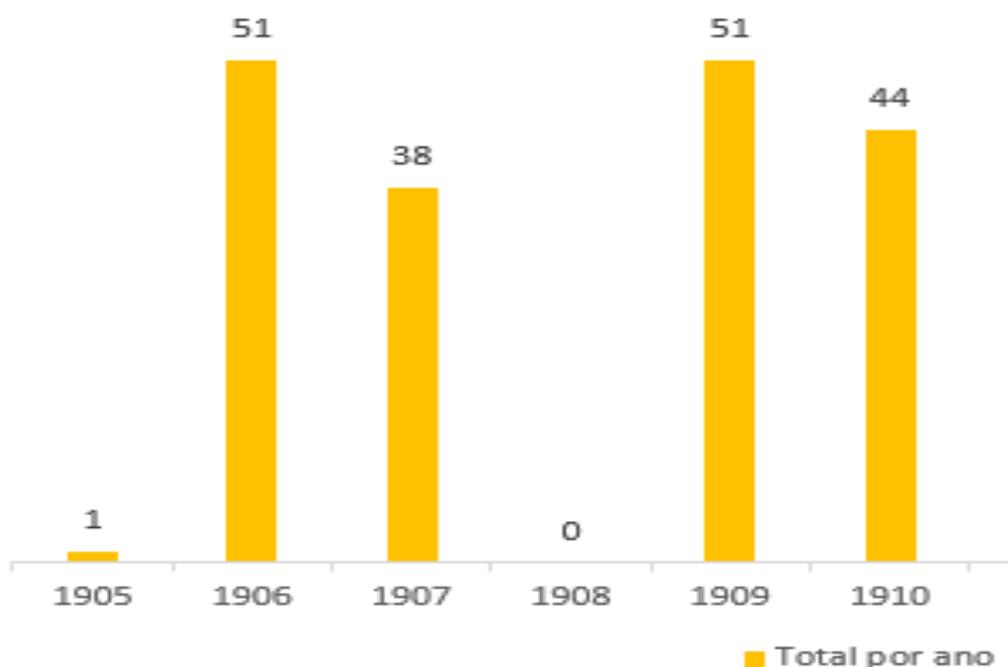
Assim, como forma de atender a essa reivindicação, o Malho publicou O Tico-Tico. Inicialmente, a revista era publicada às quartas-feiras, custando o valor de 200 réis o número avulso, mantendo esse preço até o ano de 1920. A aquisição da revista poderia ocorrer por meio da assinatura semestral e a assinatura anual.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, este trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. De acordo com Bodgan e Biklen (1994), a investigação qualitativa assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos, é um processo que agrupa diversas estratégias de investigação, que partilham determinadas características. Isso porque a investigação qualitativa envolve o pesquisador inteiramente no processo, não só na análise de dados já existentes. Nesta tese, a pesquisa qualitativa alia-se a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

O uso da pesquisa documental ocorreu por meio da consulta e análise de 185 exemplares da revista publicados durante o marco temporal definido por esta investigação, cujo acervo digitalizado encontra-se disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. Sobre a pesquisa documental, Oliveira (2007) esclarece que o trabalho do pesquisador(a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, proporciona subsídios acerca do referencial teórico utilizado.

Sendo assim, a pesquisa se desenvolveu em três etapas: a primeira foi o levantamento bibliográfico como forma de estabelecer um diálogo com as produções existentes sobre o periódico; a segunda corresponde ao levantamento do número de revistas disponíveis na base de dados da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional de acordo com o marco temporal da investigação. Nesse sentido, o Gráfico 1 foi elaborado para melhor visualizar a quantidade de revistas publicadas nos primeiros 10 anos de circulação do impresso no país, levando em consideração o marco temporal deste trabalho.

Gráfico 1 - Número de publicações anuais da revista O Tico-Tico (1905-1910)



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como pode ser observado no Gráfico 1, no que diz respeito ao número de publicações anuais é possível visualizar uma oscilação nos números de exemplares por ano, de acordo com o que está disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. No ano de 1908, por exemplo, não foi apresentada nenhuma publicação da revista de acordo com o que está disponível no banco de dados. Para esse fato lança-se a hipótese de que as revistas, por algum motivo, seja o seu estado de conservação ou de disponibilidade no acervo, não foram digitalizadas e disponibilizadas para consulta. No entanto, a fim de encontrar exemplares do ano de 1908, visitei o acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dórea da cidade de Aracaju – Sergipe, porém as edições disponíveis são de anos posteriores ao ano de 1908, mais precisamente a partir do ano de 1920.

A segunda etapa diz respeito à sistematização dos dados, levantados a partir por meio da elaboração de quadros e tabelas. A terceira etapa corresponde à análise e interpretação dos dados à luz do referencial teórico previamente definido.

A partir dos elementos de pesquisa definidos, a tese que aqui defendo é que a revista O Tico-Tico foi um veículo de divulgação de práticas pedagógicas

extraescolares, que muito contribuiu para a formação da criança brasileira e futuro cidadão republicano.

Para melhor compreensão e visualização, esta tese está estruturada em cinco seções. A primeira denominada, Páginas Iniciais, apresento o objeto de estudo, o objetivo geral e os específicos, o referencial metodológico, as fontes, os problemas de pesquisa, o pressuposto que norteia a investigação, destacando como foram operacionalizados os conceitos e noções utilizados.

A segunda seção, intitulada Folheando outras páginas: uma revista, múltiplos olhares, é dedicada ao mapeamento das produções sobre a revista a fim de perceber o que tem despertado interesse entre os pesquisadores no que se refere a Tico-Tico.

Na terceira seção, Os Intelectuais da Revista O Tico-Tico, o que se propõe é construir perfis biográficos dos intelectuais idealizadores do projeto editorial da revista O Tico-Tico, a fim de perceber suas vinculações políticas e preocupações sociais a época. O foco recai, também, em estudar o formato gráfico e perceber como se deu o processo de organização dos conteúdos da revista e seu intento para a formação da criança brasileira no período estudado.

A quarta seção, intitulada A Revista Tico-Tico como espaço de formação da criança brasileira, é dedicada para a discussão da revista como um veículo de circulação de práticas pedagógicas extraescolares e espaço de formação e educação das crianças brasileiras.

E a última seção, intitulada de Últimas Páginas, buscamos sistematizar nossa abordagem e apontar os caminhos escolhidos e aquilo que consideramos ter avançado nas análises já existentes sobre a revista como foco nas práticas pedagógicas de uma educação extraescolar infantil presentes nas publicações do impresso aqui investigado.

2 FOLHEANDO OUTRAS PÁGINAS: UMA REVISTA, MÚLTIPLOS OLHARES

Esta seção é dedicada ao mapeamento das produções sobre a revista, a fim de perceber o que despertou interesse entre os pesquisadores no que se refere ao O Tico-Tico. Para tanto, tomamos como fontes as teses, dissertações, artigos e livros que tratam da revista em diferentes áreas de estudo, principalmente, a partir do gênero, da formação da criança e, da literatura infantil.

A proposta de dedicar uma seção desta tese às produções existentes sobre a revista O Tico-Tico, se deu a partir do levantamento e da leitura dos trabalhos que tomaram a revista, ora como fonte, ora como objeto de estudo e análise. O intuito aqui não é só apresentar o que já foi discutido sobre o periódico em diferentes áreas do conhecimento, mas também registrar que uma fonte, um objeto, não esgota a possibilidade de pesquisas, principalmente, porque novos olhares podem ser lançados, novos questionamentos, bem como novas abordagens.

Esse levantamento bibliográfico permitiu evidenciar as produções sobre a revista e a importância de se trabalhar com impressos em nossas pesquisas. Nesse sentido, organizamos em quadros os trabalhos que têm desenvolvido análises sobre O Tico-Tico.

Para melhor visualização e compreensão das produções sobre a revista, o texto foi organizado em eixos que dizem respeito à área de estudo em que cada pesquisa está inserida. Assim, foi possível identificar que as pesquisas advindas da revista enveredaram pelos seguintes eixos: gênero, formação e literatura, defendidas em programas de pós-graduação nas áreas de letras, comunicação, educação, história e história social, sendo essa ordem a de apresentação das temáticas.

2.1 Gênero nas Páginas da Revista O Tico-Tico

No que diz respeito aos trabalhos que envolvem os estudos de gênero, evidenciamos uma tese de autoria da pesquisadora Luciana Borges Patroclo

(2015), intitulada “As mães das famílias futuras: a revista o Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)”. A autora realizou um estudo sobre a Seção para Meninas, presente na revista O Tico-Tico, e analisou os conteúdos femininos presentes no semanário no período de 1905 a 1921, num total de 800 exemplares da revista pertencente ao acervo digitalizado da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional.

O arcabouço teórico utilizado na investigação enveredou pelos conceitos de gênero e representação, caracterizados como construções sociais marcadas por relações de disputa e poder. Com isso, Patroclo (2015) entendeu a seção para meninas como um espaço fixo destinado à promoção da educação doméstica.

As edições de O Tico-Tico priorizavam a instrução das pequenas e dos pequenos leitores. Pode-se questionar a construção do gênero feminino veiculado em seus exemplares, mas não a existência de silêncios sobre o ser mulher. A revista pautava seus conteúdos, pela dicotomia entre o “sexo forte e o belo sexo”. Defendia um modelo baseado na submissão das meninas frente aos meninos. Elas deveriam ser belas, bondosas, prendadas e bem-comportadas. Não por acaso, foram criados espaços específicos para que as leitoras pudessem ler sobre as últimas tendências da moda e como fazer belos bordados. O domínio desses assuntos era entendido como um importante trunfo para a conquista de um bom partido e se fazer um ótimo casamento.

Em consonância com o pensamento conservador, O Tico-Tico defendia que meninos e meninas, embora igualmente crianças, possuíam papéis sociais distintos. As meninas eram preparadas desde a infância, para o casamento e a maternidade. Já os meninos, deviam ser dotados dos conhecimentos necessários para liderar a nação.

2.2 Formação nas Páginas da Revista O Tico-Tico

Como já mencionado em parágrafos anteriores, também foram identificados trabalhos que se dedicaram a analisar a formação a partir da revista, e sobre esse eixo identificamos três dissertações e uma tese.

A primeira é a dissertação de Mestrado, de autoria de Patrícia Maria Garcia Alencar intitulada, A revista O Tico-Tico e a escrita infantil em circulação no encarte 'Meu Jornal': seus autores e leitores (1935-1940). Nessa investigação a autora buscou interpretar as propostas de formação para a criança, postas em circulação na cidade do Rio de Janeiro, presente em uma seção da revista intitulada Meu Jornal.

Ao longo da pesquisa, Alencar (2015), buscou responder ao seguinte questionamento: “Qual a proposta de formação para a criança posta em circulação pela revista O Tico-Tico entre os anos de 1935 e 1940 no Brasil?”. A autora teceu sua análise por meio das categorias entretenimento, informação e formação moral, cívica e educativa. Com isso ela compreendeu a revista O Tico-Tico como um impresso que de maneira informal buscou veicular e disseminar um discurso pedagógico e educativo bastante próximo daquele oficializado pelo Estado Novo:

[...] a revista não era um impresso oficial, mesmo assim teve grande aceitação por parte dos pais, visto que estes também teriam sido leitores do semanário já que muitos dos anúncios veiculados pela revista estariam endereçados aos familiares das crianças, sobretudo às mães, fato este que garantiu ao “Tico-Tico” a presença constante nos lares das famílias brasileiras mais abastadas, mesmo porque a revista era tida pelos pais como um instrumento educativo de valor (ALENCAR, 2015, p. 119).

Para além dos pais foi possível evidenciar também no texto de Alencar (2015), a aceitação por parte dos professores de das instituições educativas do país que aprovaram a leitura de O Tico-tico, e mantiveram contato direto com a mesma, seja por meio do envio de fotografias que ilustravam o cotidiano escolar ou, até mesmo, a partir da oficialização de grandes concursos patrióticos lançados pela revista a partir de 1935.

Mesmo sendo direcionado ao entretenimento das crianças, O Tico-Tico foi extremamente rigoroso ao seu propósito educativo, apresentando em seu bojo, sobretudo a partir de 1935, uma infinidade de seções que tinham como intuito a

instrução dos pequenos leitores mirins, assim como a adoção destes aos princípios moralizantes e patrióticos defendidos pelas instituições educativas da época.

Alencar (2015), então compreendeu que O Tico-Tico, por meio da seção Meu Jornal, manteve como proposta a formação de cidadãos que valorizassem a moral, a família, o trabalho, a instrução, a civilidade, o patriotismo e o sentimento de brasilidade. Esses valores foram amplamente estimulados pelas instituições educacionais no período conhecido como Estado Novo, visto que muitos textos tinham como temática a apresentação de valores e normas de conduta, regras de civilidade e de bom comportamento, procurando impor um padrão de hábitos aos quais os indivíduos deveriam se condicionar, e que sintetizavam um ideal de homem representado em potencial na infância brasileira.

A segunda produção inserida no eixo formação é a dissertação intitulada “A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico, de autoria de Roberta Ferreira Gonçalves (2011)”. O foco de tal investigação recaiu na análise da criação de O Tico-Tico, e do contexto que permitiu o nascimento de uma publicação que circulou por mais de meio século e, é considerada como um marco na infância de gerações de brasileiros.

No decorrer do seu estudo, Gonçalves (2011) procurou recuperar o contexto em que a revista foi criada a partir da própria publicação: seus quadrinhos, historinhas e lições dirigidas à formação dos futuros cidadãos da República (GONÇALVES, 2011, p. 18). Essa autora teceu uma discussão sobre a articulação do campo intelectual carioca da Primeira República em espaços de sociabilidades, como as redações de jornais, na proposição e encaminhamento de projetos em que estava em jogo o enfrentamento da questão nacional. Diante disso Gonçalves (2011, p. 54), compreendeu que O Tico-Tico foi um desses projetos que pretendeu “dar corpo a um desejo intelectual de educar as crianças e jovens brasileiros, infantes como o próprio Brasil”, e abriu caminhos para uma série de publicações destinadas para a infância contribuindo para a consolidação de um mercado consumidor que era pouco explorado.

Outra produção inserida no eixo formação e, também, a mais a mais atual sobre a revista no âmbito do *stricto sensu* é a dissertação de Isadora Basto de Moraes, defendida no ano de 2019, intitulada Para Ler e Ver: Narrativas sobre a

Amazônia na revista *O Tico-Tico* (1914-1945). O objetivo de tal investigação foi analisar representações da Amazônia na revista infantil *O Tico-Tico*, entre 1914 e 1945, levando em consideração os principais objetivos do impresso que consistiram em “instruir e divertir” as crianças brasileiras, por meio da publicação de textos e imagens igualmente atrativos e educativos nas suas 2.097 edições.

A autora revelou que a escolha do período 1914 se deu porque, com a Primeira Guerra Mundial, foi interrompida a importação do material estrangeiro utilizado para compor parte do conteúdo da revista. Dessa forma, os temas nacionais ganharam mais espaço nas histórias e ilustrações desse periódico. Buster Brown, personagem norte-americano, batizado de Chiquinho no Brasil, é o exemplo mais emblemático dessa mudança, uma vez que suas aventuras foram adaptadas para ambientes tipicamente brasileiros.

Foi alicerçada no conceito de representação posto por Roger Chartier que Moraes (2019) construiu seu entendimento das narrativas escritas e imagéticas que manifestavam conteúdos sobre o espaço amazônico presentes no impresso infantil. Sendo assim, os textos e imagens são esmiuçados como discursos sobre a Amazônia, e não como reflexos. Segundo Chartier (1990) a construção das representações do mundo social, para o autor, é sempre determinada pelos grupos que a forjam.

Com essa investigação, Moraes (2019) então compreendeu que as temáticas que tratavam especialmente da Amazônia não fugiam dos objetivos primordiais da revista, que atuou como importante veículo de educação moral e cívica. Entretanto, de maneira geral, imagens e discursos canalizados na revista eram utilizados para consolidar e reafirmar ideias próprias dos atores que a compunham: editores, articulistas e público (adulto e infantil); valores importantes para o universo coletivo burguês e letrado, ou seja, os que tinham poder de compra e acesso à leitura.

E, por fim, dentro do eixo formação, identificamos a tese de Zita De Paula Rosa (1991), intitulada *O Tico-Tico: Mito da Formação Sadia*. A autora trabalhou com todo o período de circulação da revista e realizou uma descrição detalhada dos editores, dos caricaturistas destacando suas contribuições para a mesma, a análise foi construída levando em consideração os aspectos recreativos e pedagógicos da revista. A hipótese que guiou a investigação foi que *O Tico-Tico* não foi apenas uma estratégia do empresarial, mas, também, uma manifestação

cultural que respondia as necessidades do público infantil e realizava de modo informal uma ação de caráter pedagógico.

2.3 Literatura nas Páginas da Revista O Tico-Tico

A tese intitulada “A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico-Tico”, de autoria de Lígia Menna (2012), é uma pesquisa voltada para o âmbito da literatura.

Lígia Menna apresentou uma discussão afirmando a existência de vários estudos sobre as relações entre Literatura e Imprensa, livros e periódicos, suas confluências e divergências, seus produtores e seus leitores. No entanto, quando o assunto é a literatura destinada ao público infantil, esses estudos tornam-se bastante reduzidos. Diante de tal cenário, o seu trabalho teve como objetivo preencher essa lacuna, demonstrando a importante contribuição do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico-Tico para a formação de leitores, assim como para a educação informal e a história da Literatura Infantil.

A investigação esteve pautada em uma perspectiva comparada. Menna(2012), verificou como a literatura infantil foi construída além do suporte livro, levando em conta diferentes concepções de infância, tendências pedagógicas e a própria materialidade dos textos, além das diferentes práticas de leitura suscitadas. A autora ressalta, ainda, que a forma como os textos literários para as crianças eram apresentados nos jornais, revistas e almanaques, no início do século XX, imprime-lhes uma legibilidade específica, própria da literatura infantil contemporânea. Essa especificidade confirma tais textos como fontes essenciais para a história dessa literatura, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Outra produção que se insere no eixo literatura é a dissertação de Maria Cristina Merlo, com o título “O Tico-Tico um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)”. O objetivo de Merlo (2003) com esse estudo foi descrever a revista infantil no período de (1905-1962), registrando sua importância como a primeira revista voltada a esse público, em histórias em quadrinhos, desde a data de seu início e quais foram os motivos de seu encerramento.

Merlo (2003) reforça que a revista foi elaborada para o público infantil, porém de conotação adulta, cuja importância está centrada na construção da história do quadrinho brasileiro e suas repercussões sociais, políticas e econômicas no contexto histórico da primeira fase da República brasileira. A pesquisa focou, também, no quadro histórico, educativo e social da revista na época de sua publicação.

A revista *O Tico-Tico*, cujos seus propósitos consistiam numa preocupação e comprometimento entre seus editores, redatores e ilustradores junto ao público infantil, foi à primeira revista infantil e em quadrinhos que, a princípio, privilegiou o caráter recreativo, com seus contos de carochinha, passatempos, páginas de armar, histórias fantásticas, premiações, histórias em quadrinhos com os personagens divertidos e inesquecíveis.

A autora acrescenta, ainda, que a revista teve uma grande importância como ferramenta pedagógica através das lições e conhecimentos didáticos sobre: matemática, história, geografia, desenho, ciências; recomendações e aconselhamentos formando valores, opiniões e influenciando no comportamento individual de seus leitores, visando à formação de bons cidadãos sempre com o apoio dos pais e professores incentivando e garantindo o prolongamento da existência da revista.

O Tico-Tico foi, também, um retrato dos bons costumes e dos acontecimentos do cotidiano, fatores sociais, econômicos, políticos e culturais da época da publicação. A revista foi um canal aberto com seus leitores, visando sempre suas solicitações e sugestões como uma estratégia para a sobrevivência da revista durante mais de 50 anos.

Para melhor visualização das produções sobre a revista foi elaborado o Quadro 1, a partir do banco de Teses e Dissertações da (Capes), contemplando as teses e as dissertações. Com essa busca foi possível identificar uma diversidade de trabalhos em áreas de pesquisas distintas, desde a educação, história e história social, comunicação e letras, certamente cada área com objetivos diferentes.

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre a Revista *O Tico-Tico* (1991-2019)

TÍTULO	AUTOR	TIPO	ÁREA	IES/ANO DE DEFESA
O Tico- Tico: mito da formação sadia	Zita De Paula Rosa	Tese	História Social	USP/1991
O Tico-Tico um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)	Maria Cristina Merlo	Dissertação	Ciências da Comunicação	USP /2003
A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico	Roberta Ferreira Gonçalves	Dissertação	História	UERJ/2011
A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico - Tico.	Lígia Regina Máximo Cavalari Menna	Tese	Letras	USP/2012
As mães das famílias futuras: a revista o Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)”	Luciana Borges Patroclo	Tese	Educação	PUC-Rio/2015
Revista O Tico-Tico e a escrita infantil em circulação no encarte Meu Jornal: seus autores e leitores (1935-1940)	Patrícia Maria Garcia Alencar	Dissertação	Educação	UEM/2015
Para ler e ver: narrativas sobre a Amazônia na revista O Tico-Tico (1914-1945)	Isadora Bastos de Moraes	Dissertação	História	UFPA/2019

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2023).

É importante destacar o quantitativo maior de trabalhos na área de história, o que nos leva a pensar que, por se tratar de uma revista que não estava

legalmente vinculada à escola, ainda existem receios, sobretudo na área da história da educação. Tais dados nos servem para confirmar e o que já foi ressaltado sobre as possibilidades de pesquisas que podem ser realizadas sobre uma única fonte. No Quadro 2 apresentamos artigos publicados em periódicos e anais de evento, disponíveis no Portal de Periódicos da Capes de que se debruçaram em estudar a revista O Tico-Tico. Para identificação desses trabalhos foi adotado como critério de busca Assunto= Revista O Tico-tico; O Tico-Tico; periódico infantil e Nível=Mestrado e doutorado.

Quadro 2 - Artigos que tratam da revista O Tico-Tico (2007-2019)

TÍTULO	AUTOR	TIPO	ANO DE PUBLICAÇÃO
A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos	Waldomiro Vergueiro	Artigo em periódico	2007
<i>Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse</i> : A verdadeira origem francesa d'O Tico-Tico	Athos Eichler Cardoso	Artigo em Anais de evento	2008
A roupa infantil nas revistas destinadas às crianças (década de 1950): modos de educar os corpos de meninos e meninas.	Fernanda Theodoro Roveri	Artigo em Anais de evento	2011

A importância das revistas O Tico-Tico e Recreio para a história da literatura infantil e a formação de novos dos leitores	Lígia Máximo Menna	Regina Cavalari	Artigo em periódico	2012
O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana	Aline Costa Borges Almeida	Santos Cíntia de	Artigo em periódico	2015
Os impressos para crianças como fonte de pesquisa em História da Educação: uma análise da coluna Lições do Vovô da Revista O Tico-Tico	Luciana Patroclo	Borges	Artigo em anais de evento	2015
As mães de famílias futuras: a Revista o Tico -Tico e a formação das Meninas brasileiras (1905-1925)	Luciana Patroclo	Borges	Artigo em periódico	2019

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de levantamento realizado no Portal de Periódicos da CAPES (2022).

Como pode ser observado no Quadro 2, alguns dos artigos são recortes e reflexões engendradas nas teses e dissertações sobre a revista.

2.4 Os Livros que tratam da Revista O Tico-Tico

Para além dos artigos, dissertações e teses sobre a revista, também identificamos dois livros dedicados à O Tico-Tico. O primeiro é a obra organizada por Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos (2005), intitulada “O Tico-Tico: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil”. O livro comemora a trajetória de O Tico-Tico, possibilitando que antigos leitores da revista se reencontrassem e que as novas gerações, que dela apenas ouviram falar por seus pais e avós, tomassem conhecimento de sua história e características. Além de realizar uma homenagem ao mais duradouro título de

quadrinhos já publicado no Brasil, o livro propôs retomar um pouco a magia que ela conseguia passar para seus leitores, nesse sentido o livro foi organizado em três partes: I – Depoimentos e Entrevistas; II – O Tico-Tico e suas várias dimensões; III – Depoimento Histórico.

Na parte I, *Depoimentos e Entrevistas*, foi possível identificar uma entrevista com José Mindlin, um assíduo leitor de O Tico-Tico, a partir do ano de 1920. Mindlin revelou a importância da revista para a sua formação e, de acordo com ele, a revista apresentava uma linguagem “[...] apropriada para as crianças e que despertava a imaginação, despertava o sonho, e a gente não saía da leitura de O Tico-Tico com uma sensação de que havia cumprido algumas obrigações de boa conduta. A coisa era narrada com naturalidade” (SANTOS e MERLO, 2005, p. 26).

Temos também na primeira parte um capítulo intitulado “O Tico-Tico que eu conheci”, escrito por Diamantino da Silva, o qual teve contato com o impresso nos idos de 1935, na cidade de Santos no litoral paulista, onde residia à época. Nesse período a revista já tinha 21 anos de publicação e custava quinhentos réis, conforme ressaltou Diamantino. O autor deixa registrado o seu encanamento pelo impresso, bem como a sua importância na formação de gerações, bem como destaca o lugar e o respeito dado pelo Tico-Tico ao artista nacional, além do reconhecimento de todo seu valor em seu próprio país.

O mesmo finaliza o capítulo ressaltando que O Tico-Tico deixou de circular em 1962, mas cumpriu uma missão relevante na obra de alfabetização das crianças e cooperou para avivar o espírito da meninada, ilustrando e divertindo, educando e disciplinando, numa época em que o cinema e o rádio ainda engatinhavam.

Para além das entrevistas os organizadores dos livros dispõem, logo na primeira parte, um capítulo dedicado ao principal personagem da revista, de nome Chiquinho, personagem americano, cujo nome verdadeiro era Buster Brown, que veio direto de New York, saído do lápis fecundo de Richard Fenton Outcault. Um garoto de cabelos compridos e franjinha, roupas vermelhas e longas golas brancas, fascinava as crianças por que, de certa maneira, fazia tudo aquilo que elas gostariam de fazer e, que cativou o público infantil com suas histórias até a edição de dezembro de 1954.

Na parte II, O Tico-Tico e suas várias dimensões, é abordado a diversidade de temas, conteúdos e seções presentes na revista, como por exemplo, as seções de correspondências, espaço destinado para os leitores enviarem suas cartas, suas experiências, fotografias, etc. Havia, também, a seção de passatempo, espaço dedicado aos concursos, adivinhações, bem como outras formas de entretenimento que era uma marca da revista. Na seção Lições do Vovô apareciam os conhecimentos e aprendizados sobre ciências e geografia, moral e cívica, matemática, artes. Sobre tal seção, Vergueiro (2005) assegurou que:

As lições do Vovô criavam um ambiente familiar, de conversa amigável e em nível de aconselhamento, que os leitores recebiam, de alguém com sabedoria e experiência provindos da idade provecta. Elaborados de forma carinhosa, como uma conversa ao pé do ouvido, as Lições enfatizavam modelos desejáveis de comportamento, enfocavam aspectos da sociedade brasileira sob o ponto de vista social, político, econômico e cultural e discorriam sobre temáticas ligadas ao currículo educacional formal. Presente na revista desde o seu início esta seção debruçou-se sobre um vasto leque de interesses, realizando um verdadeiro diagnóstico da vida brasileira para os leitores do semanário e reforçando sempre os princípios básicos da revista, voltada para o lazer, a informação e a formação de crianças brasileiras (VERGUEIRO, 2005, p. 116).

Outra seção que se destacou na Tico-Tico foi “A Correspondência do Dr. Sabetudo”. Esse era o espaço dedicado para abordar todos os assuntos possíveis, respondendo a qualquer dúvida proveniente dos leitores no que diz respeito a conhecimentos gerais, moda, beleza, saúde, culinária, orientação de leitura. De forma geral Dr. Sabetudo, destacava a busca constante de conhecimentos e o “apego ao estudo”, únicas formas de dominar as dificuldades da vida.

Quanto ao que propunha cada seção da revista, nesta parte do livro o foco recai, também, na dimensão moral e educativa que estiveram no cerne da criação da revista, constituíram, aliás, sua razão de ser. No entanto a dimensão cultural, jornalística, literária e as edições especiais de São João e de Natal, somadas às demais, contribuíram para que o semanário atingisse tamanho

sucesso, e, sobretudo, conquistasse não só o público infantil, mas, também, adultos.

A parte III, intitulada “Depoimentos Históricos”, é composta por uma entrevista com Afonso Botari, um verdadeiro amante e leitor assíduo de *O Tico-Tico*. Na entrevista Afonso Botari revelou que foi o primeiro leitor do semanário por intermédio do seu pai que fazia conserto das máquinas de *O Malho*, assim:

[...] numa das idas ao Rio de Janeiro, nas oficinas que trabalhava para *O Malho*, pôde apanhar um exemplar recém-impresso de um novo jornal da editora, que só seria lançado em público, alguns dias depois. Era o número inaugural de o Tico-Tico...quando papai voltou pra São Paulo, logo em seguida, foi pra mim que ele entregou o jornal da petizada...aliás, uma revista, que ainda nem sequer fora distribuída, acredito, até porque ainda não tinha chegado dia 11. Por isso cálculo, fui o primeiro leitor mirim de o Tico-Tico (BOTARI, 2005, *apud* SANTORO, 2005, p. 228).

Ao revelar o suposto primeiro leitor da revista, essa parte do livro apresentou o depoimento inédito de um leitor que teve a oportunidade de acompanhar o periódico desde o seu nascimento até o seu declino, que foi impulsionado pelas diferentes formas de entretenimento que ganharam espaço no âmbito das publicações infantis.

Em síntese, a obra *O Tico-Tico: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil* é não somente a reunião de textos de estudiosos da história em quadrinhos no Brasil, mas, também, um conjunto de memórias sobre o semanário, levando em consideração todos os aspectos sobre artistas, temas para a atender aos anseios de uma sociedade em formação e, sobretudo, ao “futuro da nação”, como eram chamadas as crianças a quem se destinava a revista.

Outra obra que se destaca no âmbito das produções sobre a revista é o livro de Ezequiel de Azevedo (2005), intitulado “*O Tico-Tico – Cem Anos de Revista*”. O autor assegura que sua obra não tem outro objetivo senão contribuir para a memória editorial brasileira e lembrar esse marco na publicação de revistas infantis. Tal obra configura-se em uma memória sobre a revista, apresentando um retrospecto da mesma, desde a sua fundação, homenageando os seus artistas, até a sua última edição.

Muito mais que uma revista voltada para o público infantil, sendo ingênua por natureza, O Tico-Tico significou um marco na vida editorial do Brasil. A revista nasceu em 1905 para fazer sucesso, mantendo estreita relação com o momento histórico e cultural da época, aproveitando toda a força do grupo O Malho, da família Pimenta de Mello. Em uma época em que o jornal representava o poder da mídia, a revista apareceu com o único propósito de divertir e educar os pequenos. A mesma apresentava história em cores e completas, desde o primeiro número, algo inédito até então. Aliás, a impressão em cores nos jornais era algo bem recente no Brasil, tendo aparecido nos Estados Unidos em 1985. Desde o início, O Tico-Tico já era apresentada em formato *Comic book*³, que só surgiu nos Estados Unidos mais de 30 anos depois.

Mesmo sendo uma produção de uma grande equipe, os artistas de talento conseguiram deixar a marca de sua obra, com valor artístico de seu trabalho chegando até nossos dias. Considerado o maior de todos eles e “genuinamente” brasileiro, J. Carlos trabalhou em O Tico-Tico e lá desenvolveria todo seu potencial.

O levantamento sobre as produções permitiu perceber as possibilidades de estudo sobre uma única fonte, bem como entender que ainda existe muito a ser estudado sobre O Tico-Tico, sobretudo na área da Educação, mais precisamente na História da Educação, onde até o momento ainda é pouco explorado. Para tanto, foi possível evidenciar que ainda não existem trabalhos que se dedicaram a investigar as práticas pedagógicas calcadas em educação extraescolar nas páginas da revista, o que torna relevante a pesquisa aqui desenvolvida.

³ Um livro de quadrinhos ou *comicbook*, também chamado de revista de quadrinhos ou simplesmente comic, é uma publicação popularizada nos Estados Unidos.

3 OS INTELLECTUIAS DA REVISTA O TICO-TICO

O que se propõe nesta seção é construir perfis biográficos dos intelectuais idealizadores do projeto editorial da revista O Tico-Tico, a fim de perceber suas vinculações políticas e preocupações sociais a época. O foco recairá, também, em estudar o formato gráfico e perceber como se deu o processo de organização dos conteúdos da revista e seu intento para a formação da criança brasileira no período estudado.

Podemos visualizar um grupo de intelectuais com interesses diversos (político, jornalístico, pedagógico, literário), mas com ideias comuns que resultou em um grande projeto denominado Revista O Tico -Tico. Fruto de um conjunto de ideias direcionadas para o futuro da nação, e que abre alas para interpretações que enveredam por campos distintos do conhecimento, como, por exemplo, nesta tese, envereda pelas práticas pedagógicas calcadas em uma educação extraescolar presentes nas páginas da revista, seja nas lustrações, seja nas diferentes histórias que a mesma dispõe.

[...] percebe-se que entre os editores e colaboradores da publicação infantil não havia ainda muita clareza do que ela viria a ser no futuro. A participação dos mesmos artistas em uma publicação e outra, assim como as tentativas de diálogo entre as mesmas publicações da empresa, mostram que editores e colaboradores não separavam de forma tão definitiva aquilo que fazia parte do mundo dos adultos e do mundo infantil. Assim, podemos afirmar que não havia entre eles uma concepção estabelecida de infância. Ao lado das lições de história pátria, de civismo e das histórias com moralidades, que poderiam ou não dispensar elementos do universo fantástico, estavam as histórias de peraltices infantis, o humor grotesco e caricato das tiras e personagens dos quadrinhos. Os objetivos formativos que viriam a guiar a revista nas suas publicações vão se construindo à medida que ela amadurecia e, ainda assim, não deixaram frequentemente entrar em contradição com outras partes do semanário (GONÇAVES, 2019, p. 49).

Os diferentes idealizadores e artistas que fizeram parte da materialização do projeto de O Tico-Tico são aqui chamados de intelectuais. E sobre isso, há dois pressupostos que guiam essa escolha. O primeiro é que os criadores da referida revista são intelectuais, uma vez que a noção de intelectual empregada aqui é similar a pensada por Sirinelli (2003), quando este defende os intelectuais

como criadores e mediadores. O segundo é que a revista é um produto intelectual, pois conforme sinalizou Magalhães e Barreto (2016, p. 80),

É, com efeito, no contexto da vida e obra (teórica ou prática) que se fundamentam os conceitos de intelectual, ação intelectual e produto intelectual e que se explicam polêmicas, iniciativas e projetos gerados com base em demandas específicas e de afetos e de tradição.

Escrever ou desenhar na revista consistia em uma atividade intelectual na qual se deve levar em conta as redes necessárias para escrever em tal impresso, bem como os sentidos produzidos. É importante destacar aqui que os impressos eram espaços de sociabilidade, com o intuito de formar e informar leitores que seriam o futuro da nação. Para Gonçalves (2019, p. 4),

A elite intelectual via-se, portanto, como portadora de uma missão redentora que as forçava ao mesmo tempo a revelar a “verdadeira face da nação” e propor projetos e soluções de intervenção social e cultural. Estes sujeitos se tornaram figuras estratégicas na política e cultura, revelando uma variedade de práticas intelectuais, que foram da produção de ideias e diagnósticos, até a intervenção política e mediação cultural.

No caso de O Tico-Tico os intelectuais assumiam perfis distintos: eram editores, redatores, ilustradores, diretores de arte. Esse grupo foi responsável por selecionar, representar e levar a um público infantojuvenil debates acalorados voltados não só para a construção da nação, como, também, do cidadão brasileiro. Assim a leitura do impresso seria uma forma das crianças e jovens brasileiros se conectarem ao mesmo tempo com o Brasil e com a modernidade trazida pela república.

3.1 Sobre a Revista O Tico-Tico

Eleger periódicos como objeto de estudo permite que o pesquisador amplie suas fontes tradicionais e, assim, tenha acesso aos dispositivos discursivos que configuram determinados campos do saber.

Dentre os novos objetos sobre os quais os estudos de história têm se debruçado a partir das vertentes inspiradas pela História Cultural, o impresso é certamente um elemento de maior

importância. Assim é fundamental buscar a compreensão acerca da trajetória das coleções de livros, revistas e jornais, tentando construir uma História que remeta a práticas editoriais envolvendo não apenas editores, mas também leitores, produtores de capas, repórteres ilustradores (chargistas, cartunistas, desenhistas etc.) (NASCIMENTO, 2008, p.170-171).

A análise desses materiais possibilita apreender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural na intersecção das estratégias do impresso, que visa instaurar uma ordem desejada pela autoridade que produziu ou permitiu suas publicações, com a apropriação feita pelos leitores: nesse espaço, percebendo as dependências que unem e os conflitos que os separaram destacamos suas alianças e enfrentamentos:

Desde o início, O Tico-Tico, contou com a colaboração dos maiores e melhores caricaturistas da época. [...] O Tico-Tico alimentou uma grande safara de artistas brotaram de suas páginas, foi ao mesmo tempo, celeiro e escola, grande mercado de trabalho e academia de artes, onde muitos aprenderam a desenhar e a contar histórias em quadrinhos, enquanto outros sentiram desabrochar em si o talento de escritor. E até passaram, depois, a trabalhar no próprio Tico-Tico (GAGIN, 2005, p. 97).

Na fundação da revista O Tico-Tico foi utilizada a estrutura do grupo O Malho para a distribuição, impressão, os seus profissionais, sendo esta uma das razões do sucesso da revista. Participaram da fundação de O Tico-Tico: Angelo Agostini, que foi o responsável pela produção do primeiro cabeçalho da revista, além de Vasco Lima, Lobão, Cícero Valadares, J. Carlos, A. Rocha Loureiro, Leônidas, Alfredo Storni, etc. Entre os redatores, destacaram-se: o jornalista Eustórgio Wanderley, o professor Manoel Bonfim, Renato de Castro, Euclides de Mattos, Oswaldo de Souza e Silva e Carlos Manhães.

Nesse período, o formato gráfico da revista teve influência francesa. De acordo com Azevedo (2005, p.9): “O Tico-Tico foi publicada em cores inspirada na revista francesa *La Semanie de Suzette*, copiando o material estrangeiro, tendo, porém, vida e recursos próprios”. Tal fato nos leva a entender que a linguagem dos seus textos estava ancorada em influência europeia, contribuindo para a afirmação da identidade nacional republicana. De acordo com Gonçalves (2019, p. 38),

O formato se manteve basicamente o mesmo durante toda a publicação, mas o número de páginas variou bastante durante os diversos anos de circulação, chegando a mais de 50 páginas em datas comemorativas e aniversários da publicação. A tiragem inicial foi de 21 mil exemplares, no entanto, o primeiro número esgotou rapidamente e precisou ser novamente impresso. No fim daquele mesmo ano a tiragem da revista já tinha alcançado 27.000 exemplares, um número expressivo se levarmos em consideração a especificidade dos leitores a que a revista se dirigia.

O Tico-Tico foi extinta, mas deixou um legado que revela aspectos da formação de uma identidade nacional brasileira, sobretudo, porque teve em suas seções espaços formativos emblemáticos que devem ser sopesados na escrita da história. De acordo com Azevedo (2005), o nome da revista O Tico-Tico foi inspirado em uma ave de mesmo nome. Dizem que o jornalista Luiz Bartolomeu discutia qual nome daria a revista, quando, então, pousou na sua janela um Tico-Tico:

Mais tarde durante a comemoração do cinquentenário da revista, a senhora Carmem de Souza e Silva Westerlund, filha de Luiz Bartolomeu” forneceu mais detalhes da escolha: Pensando meu pai num título apropriado para a revista infantil que ia fundar, notou um tico-tico pousando num viveiro de pássaros existente no jardim da nossa casa onde nos achávamos reunidos – subitamente exclamou: ‘Está decidido, a revista vai se chamar O Tico-Tico”. Realmente, o nome simples e desprezioso simbolizava a finalidade a que se destinava – oferecer a seus pequenos leitores uma alegria simples e sadia” (AZEVEDO, 2005, p. 7-8).

Embora a filha de Luís Bartolomeu tenha espalhado a versão de que o nome da publicação acendeu espontaneamente na cabeça do pai ao avistar um tico-tico pousando no jardim, existem outras versões sobre tal fato, e sobre isso Sérgio Augusto revelou que:

Vasco Lima, um dos últimos sobreviventes da primeira geração de desenhistas da revista, atribuiu-lhe o batismo ao grande historiador e sociólogo sergipano Manoel Bomfim, que se inspira não no passarinho, mas nas escolas de primeiras letras, então chamadas “escolas de tico-tico”, acepção registrada pelo Aurélio, que também aponta a palavra como sinônimo de gente miúda (AUGUSTO, 2005, p. 7).

Independentemente da versão verdadeira sobre o nome da revista, a ideia aqui é apresentar os aspectos que fizeram parte das revistas, desde o período

da sua criação, bem como seu pioneirismo e o grande sucesso da publicação ao longo dos anos com sua equipe nata do grafismo nacional e, com seus quadrinhos, charges, adivinhações, lições de história, ciências, boas maneiras e civismo, curiosidades e etc., que educou e divertiu gerações de brasileiros.

Com o propósito de atender as necessidades do público infantil, o Tico-Tico foi muito além do que pretendia, atingiu o público infantil que ambicionava e que nunca faltou ao longo das publicações. A revista “[...] cativou também gente grande, pais e educadores, que tiveram nos leitores adultos Rui Barbosa e Coelho Neto, suas duas maiores expressões” (AZEVEDO, 2005, p.24). A revista agradou em cheio as crianças e os adultos, constituindo-se durante vários anos praticamente a única fonte de informação e de leitura disponível para os jovens brasileiros, respondendo às suas necessidades de lazer, e ao mesmo tempo transmitindo-lhes informações e conhecimentos considerados necessários para o desenvolvimento intelectual:

Outras publicações tentaram repetir o seu sucesso, mas vários anos haveriam de passar antes que as crianças brasileiras da primeira metade do século 20 encontrassem outros títulos que lhes despertassem a imaginação de forma como a revista **O Tico-Tico** conseguia fazer. Várias gerações conseguiram foram criadas sob suas asas, ouvindo as lições do Vovô, aprendendo com o *Dr Sabetudo*, divertindo com as peripécias de personagens com *Chiquinho*, *Zé Macaco*, *Kaximborn*, entre outros, distraíndo-se com jogos de montar e adivinhações que, constantemente, faziam parte das páginas da publicação, participando dos diversos concursos que a revista promovia. (VERGUEIRO e SANTOS, 2005, p. 13).

Desde o seu lançamento em 1905, O Tico-Tico foi publicado em cores. No entanto, vale ressaltar que houve outra publicação anterior, chamada “O Jornal da Infância”, que teve sua primeira publicação no dia 5 de fevereiro de 1898, porém graficamente deixava muito a desejar, sem história em quadrinhos e com apenas 20 edições. Já O Tico-Tico era feito, como já ressaltado anteriormente, com base em padrões das revistas de origem estrangeira. Sobre isso Athos Eichler Cardoso (2008) assegura que,

O Tico-Tico optou, principalmente, pelo modelo editorial da revista *Le Petit Journal Illustré de La Jeunesse*, embora os editores brasileiros, utilizassem material de outras revistas, inclusive de humor. O motivo desta preferência é que *Le Petit Journal Illustré de La Jeunesse* tinha um diferencial em relação

as demais quanto a qualidade da impressão e dos trabalhos gráficos que apresentava. Era de formato que facilitava a leitura, a conservação em coleções encadernadas, o armazenamento, o transporte, e inclusive a remessa pelo correio para os assinantes. Tinha o carisma e a popularidade herdados do *Le Petit Journal* e seus outros suplementos ilustrados para adultos. Além do *Le Petit Journal de la Jeunesse* somente *Le Jeudi de la Jeunesse* e *La Semaine de Suzette* atendiam essas conveniências pois as demais *La Jeunesse Illustré* e *Les Belles Images* eram de formato standard, tipo jornal e com os inconvenientes daqueles. Por outro lado, *La Semaine de Suzette*, focada num público feminino não atenderia os interesses comerciais da empresa que procurava um público mais amplo (CARDOSO, 2008, p. 65).

Sob a influência francesa para a criação da revista *O Tico-Tico*, Azevedo (2005) afirma que ela fora feita nos moldes da revista *La Semaine de Suzette*, cuja personagem principal, aqui no Brasil, recebeu nome de Felismina. *La Semaine de Suzette*, foi lançada em fevereiro de 1905, e era dedicada às meninas. Embora não se tratasse de uma revista em quadrinhos, “*O Tico-Tico*, já em sua origem, dedicou espaços às séries quadrinizadas e é com justiça primeira revista brasileira a fazê-lo” (CHINEN, 2005, p.104).

Um dos propósitos de seus editores era incentivar a leitura. Eles demonstravam saber que a então nova linguagem tinha um imenso potencial para isso. A maioria das histórias e personagens era de autoria de artistas nacionais, mas várias séries estrangeiras foram publicadas. Sobre isso Chinen (2005) esclarece:

A alguns eram dados os créditos da autoria, muitos saíam nenhuma menção ao autor ou desenhista. Outras, ainda, eram ‘tropicalizadas’, ou seja, copiadas do original por desenhistas brasileiros, como “*As Aventuras de uma criada*”, decalcada de *Bécassine*, com o nome de Narcisa ou de Felismina. A personagem criada pelo roteirista Caumery (Maurice Languereau) e pelo desenhista Pinchon (Émile-Joseph Porphyre) retratava uma jovem ‘caipira’ e ingênua do interior da França e suas trapalhadas como criada em uma casa de família. Curiosamente a publicação de *Bécassine* durou exatamente o mesmo período de vida de *O Tico-Tico*: iniciou-se em 1905 e foi encerrada em 1962 (CHINEN, 2005, p.104).

O personagem que mais se destacou em *O Tico-Tico* foi Chiquinho, a princípio, decalque de histórias em quadrinhos modernos. Chiquinho era um personagem americano, cujo nome verdadeiro Buster Brown, garoto típico de

família “endinheirada”, que teve sua vida em casa luxuosa e cujas travessuras mereciam punição e lição de moral ao final de cada episódio. Ainda de acordo com Chinen (2005), Buster Brown, não por acaso, era publicado nos Estados Unidos, pelo New York Herald, um jornal de perfil elitista, de linha conservadora que visava o público mais rico e sofisticado.

Para além de Chiquinho, outros personagens estrangeiros também fizeram parte da história de O Tico-Tico, como por exemplo, Little Nemo personagem publicado pelo New York Herald e que estreou no semanário brasileiro no ano de 1910, como O Sonho de Tônico no Fundo do Mar.

3.2 “O Brasileiro Chiquinho”

Como já ressaltado, o principal personagem de O Tico-Tico foi inspiração estrangeira, no entanto é importante destacar que Chiquinho foi devidamente adaptado à realidade cultural brasileira, e ganhou faces diferentes no decorrer da sua vida na revista. Nas primeiras versões, coube a Renato de Castro Junior o decalque de Buster Brown. O resultado foi tão bom que, durante décadas, os leitores pensaram ser ele um personagem genuinamente nacional. Sobre isso Herman Lima revelou que

Chiquinho e Jagunço eram decalcados do jornal norte-americano The New York Herald, que publicava na época umas histórias muito populares, tendo como heróis o garoto Buster Brown e seu cachorro tigre, criados pelo caricaturista Richard Felton Outcault. Os dois, traduzidos para o português, deram naqueles dois apelidos, tão familiares entre nós, na primeira década do século. As histórias, porém, eram todas baseadas em argumentos brasileiros. E eu procurava dar-lhes sempre um cunho moral e patriótico. Para que eles se tornassem ainda mais brasileiros, resolvi encaixar outro personagem típico. O personagem a qual me refiro foi o terrível Benjamin, o negrinho que tinha sempre os planos mais demolidores para as molecagens da turma. O trio fazia das suas. A princípio, Chiquinho sempre se portava como uma espécie de Sancho Pança, temeroso de que as ideias de Benjamin dessem na clássica surra de escova com que o ‘papai’ coroa sempre as suas aventuras. A figura do moleque não foi apenas inspirada numa pessoa viva. Foi, antes, decalcada de um pretinho empregado em minha casa. (LIMA, 1983, p.1223).

É importante ressaltar que Chiquinho fez sucesso durante todo o período de circulação da revista, no entanto o que mudou foram os seus ilustradores e

que, conseqüentemente deram uma nova roupagem ao personagem que fora desenhado até os anos de 1950. De acordo com Azevedo (2005), o nosso Chiquinho era uma criança brincalhona e alegre.

Os artistas responsáveis por dar vida a Chiquinho em toda a trajetória de o Tico-Tico foram: Luis Loureiro, Augusto Rocha, Alfredo Stroni, Paulo Affonso, Owsvaldo Stroni e Miguel Hochmann.

Considerado o pai do Chiquinho no Brasil, Luís Gomes Loureiro deu características locais e argumentos brasileiros ao personagem. As várias faces do visual de Chiquinho foram acompanhando o tempo em que eram publicadas. De início, era o retrato de Buster Brown. No entanto, quando passa para o desenho de Loureiro, este acrescentou um chapéu de abas largas, que foi eliminado nos idos de 1920 quando Augusto Rocha assumiu o traço e mudou o cabelo e o estilo das calças, abandonando a do tipo bombacha (LUYTEN, 2005). A Figura 2 apresenta as primeiras faces de Chiquinho.

Figura 2 - Faces de Chiquinho



Fonte: Azevedo (2005, p. 20).

Alfredo Storni, mudou novamente o visual, agora com cabelos mais curtos e a camisa do uniforme de marinheiro veio com abas mais largas e brancas. Já Paulo Affonso foi o responsável por mudar o rosto do personagem, dando-lhe um ar mais alegre. Oswaldo Storni, filho de Alfredo Storni, renovou completamente o estilo do penteado, deixando-o mais leve e solto, mas manteve a roupa de marinheiro. E por fim, Miguel Hochmann, foi o responsável pela modernização da roupa, sem mais o estilo de marinheiro e cabelos um pouco mais curtos.

Figura 3 – Faces de Chiquinho



Fonte: Azevedo (2005, p. 23).

No quadrinho 1, da Figura 2, temos a primeira versão de Chiquinho, ou melhor, a sua versão original de quando chegou ao Brasil, ainda pelos traços de Felton Outcault. O Chiquinho original, do jornal americano New York Herald, foi bem brasileiro, mérito de Luis Laureiro, a ponto de abandonar seu chapéu e a roupa de marinheiro, pouco adequada para o clima tropical. Existem discussões de que Chiquinho era a cópia idêntica do Buster Brown, e por isso chegaram a acusar Loureiro pelo “crime inominável” de ter sempre escondido

ser o autor daquela cópia grosseira; pior, daquele decalque vergonhoso e em papel vegetal (GAGNIN, 2005, p. 32),

E, mais, o decalque de desenhos estrangeiros era um ato habitual na época, consentido, ou, talvez, até acordado entre as revistas, tanto que não se tem notícia de que tenha sido aberto um processo judicial contra tal procedimento, pelo menos no Brasil.

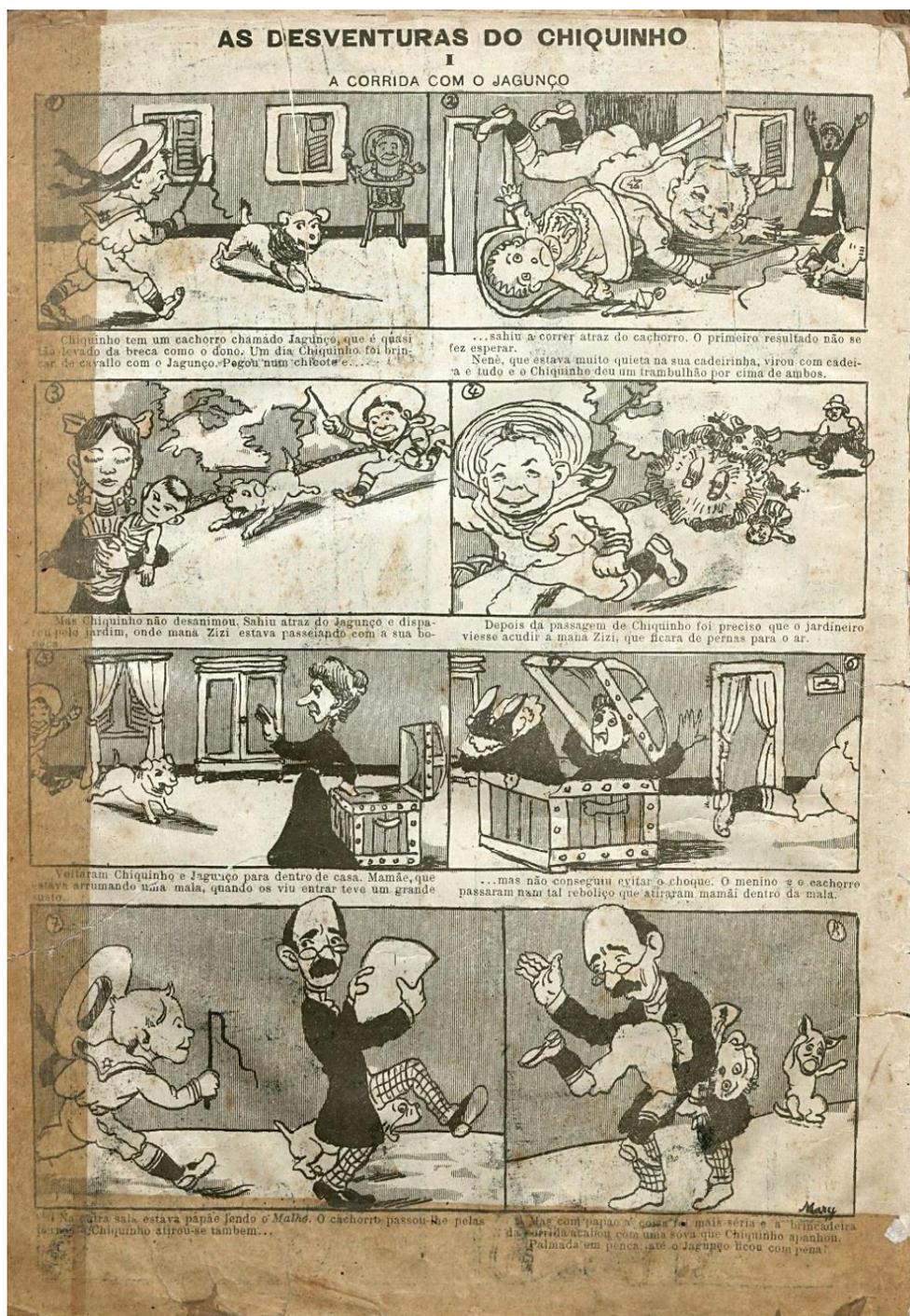
Sobre isso, o mesmo autor reitera que, além de necessário, era mesmo mais prático e possível para a época, além de permitido copiar as gravuras diretamente das páginas das revistas que chegavam da América ou da Europa, ou mesmo decalcá-las sobre papel *pelure*⁴.

Tal cópia, ou decalque, não tinha nada de criminoso, nem era um pecado a ser escondido a todo custo. Também não é o caso de denunciar o decalque do Chiquinho, como fosse ato vergonhoso, nem de revelar como se fosse a grande descoberta de um segredo guardado sob sete chaves (GAGNIN, 2005). Isso porque, de acordo com Vergueiro (2005), o autor do decalque nunca fez segredo disso, e revelou tudo, tranquilamente, sem nenhum remorso, nem uma entrevista concedida à Revista da Semana, aos 31 de março de 1945, muito antes das “sensacionais descobertas”, das “implacáveis denúncias” e dos “infindáveis estudos”.

Logo no seu primeiro número a revista dedicou um espaço denominado As Desventuras de Chiquinho, conforme pode ser observado na Figura 4.

⁴ Papel fino e transparente, sem cola e muito resistente, usado para cópias autográficas e para tiragem de provas em litografia e zincogravura.

Figura 4 – “As Desventuras de Chiquinho”



Fonte: O TICO-TICO (1905).

A publicação da seção As Desventuras de Chiquinho, posteriormente denominada Aventuras de Chiquinho, compõe uma das páginas mais curiosas da revista O Tico-Tico, tendo em vista a representatividade do personagem Chiquinho dentro da história do Tico-Tico. O personagem ficou bastante conhecido por suas traquinagens nos quadrinhos. No entanto, é importante

ressaltar aqui que tais atitudes do personagem tinham o intuito de destacar o descontentamento dos adultos quanto ao comportamento considerado por eles inadequados. O humor presente nas histórias de Chiquinho é um indício das práticas pedagógicas calcadas em uma educação extraescolar, tendo em vista que o personagem sempre recebia algum tipo de punição como resultado das suas travessuras.

3.3 Sobre os Idealizadores e Artistas de O Tico-Tico

A ideia de apresentar os responsáveis de O Tico-Tico aqui se justifica pelo fato de procurarmos entender as vinculações dos mesmos, com o intuito de compreender as principais motivação para escolhas dos tipos de conteúdo presentes nas publicações da revista, bem como o repertório por eles mobilizado. A noção de repertório aqui utilizada ancora-se nos estudos de Angela Alonso (2002, p. 176), para quem repertório é “[...] compreendido como um conjunto de esquemas de pensamento, funcionando como uma ‘caixa de ferramentas’. Os agentes recolhem seletivamente elementos deste repertório, conforme suas necessidades de compreender certas situações e definir estratégias de ação”.

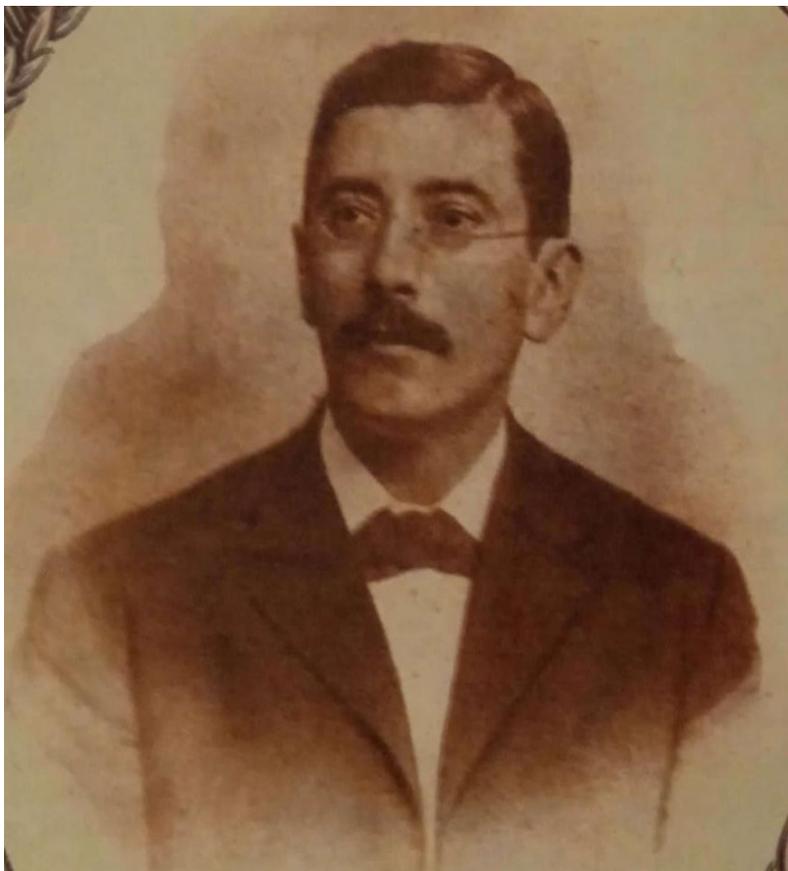
Cada artista apresenta singularidades distintas, no entanto entendemos aqui que os mesmos estavam vinculados a um projeto que atendia aos anseios de uma instituição, nesse caso, a editora O Malho e, conseqüentemente, atendiam a um projeto de formação da juventude brasileira então proposto pela revista. Assim, apresentamos aqui o perfil biográfico de cada um dos artistas no que diz respeito a sua origem, formação e vinculações, quando possível.

3.3.1 Luís Bartolomeu de Souza e Silva

Mineiro, natural da cidade de Rio Preto (MG), nascido no dia 3 de outubro de 1864, Luís Bartolomeu de Souza cursou a Escola Militar da Praia Vermelha na cidade do Rio de Janeiro. O seu ingresso na carreira militar não durou muito tempo, afastando-se nos anos de 1900, período em que decidiu retornar ao Rio de Janeiro. Foi onde Souza desenvolveu intensa atividade na imprensa,

trabalhou na redação do jornal O País e atuando como diretor de O Malho. Entre os anos de 1918 e 1920, Silva exerceu um único mandato político, como deputado federal pelo Paraná.

Figura 5 – Luís Bartolomeu de Souza e Silva

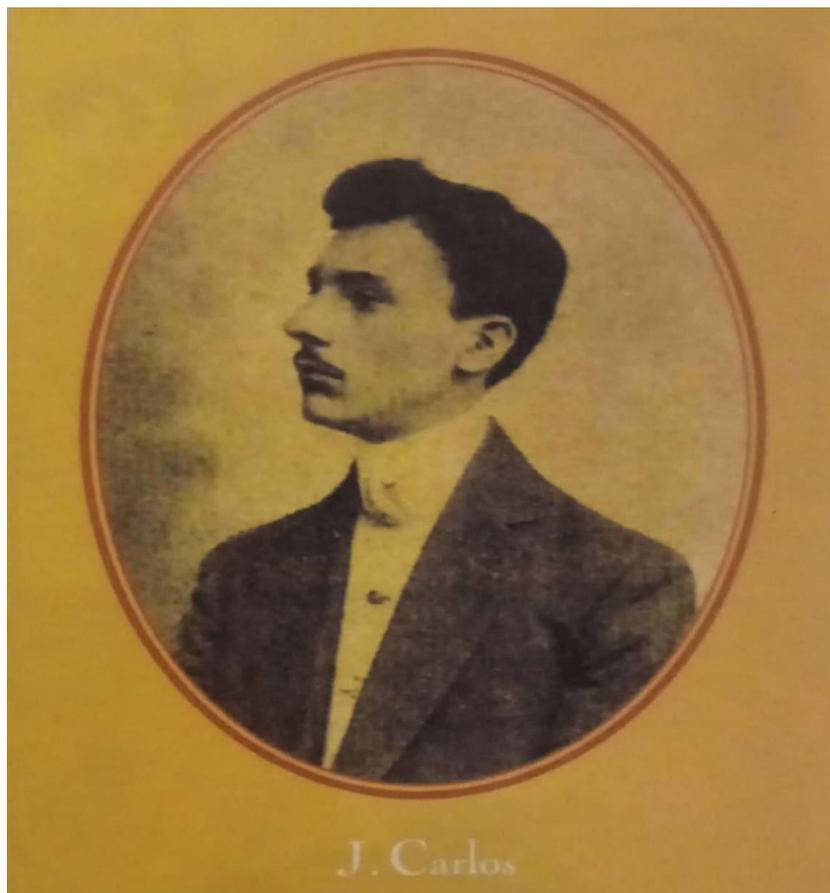


Fonte: Azevedo (2005, p. 6).

Embora seja conhecido como o fundador de O Tico-Tico, segundo Vergueiro (2005), a idealização da revista infantil foi, na verdade, de Renato de Castro, inspirado no semanário francês “La Semaine de Suzette”. De acordo com o pesquisador Franco de Rosa, Silva quem bancou a empreitada de Castro.

3.3.2 José Carlos de Brito Cunha

José Carlos de Brito Cunha nasceu em 18 de junho de 1884, no bairro Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro e faleceu em 2 de outubro de 1950, na mesma cidade. Os seus pais pretendiam que ele fosse médico, advogado ou militar como mandava a tradição familiar da época. Porém, apesar de nunca estudar artes, J. Carlos enveredou-se nessa carreira.

Figura 6 – José Carlos de Brito Cunha

Fonte: Azevedo (2005, p. 29)

Em agosto de 1902, na edição 26 do Tagarela, de propriedade Perez Júnior e dirigida por Raul Pederneiras e K. Lixto Cordeiro, dois caricaturistas, já famosos, foi publicada a primeira ilustração de Cunha, com a seguinte descrição: “desenho de um principiante”. A partir de então, tornou-se colaborador permanente desse jornal, inclusive realizando a capa do número de abril de 1903. No ano de 1904, trabalhou na revista A Avenida, recém fundada por Emílio Kamp.

J. Carlos fez ilustrações e capas para os mais diversas magazines de nosso país, entre ele: O Malho, Literatura para Todos; Século XX; Cinearte; Fon-Fon; Careta para a qual desenhou a capa de edição inaugural, de 6 de junho de 1908. O mesmo ficou conhecido por suas famosas melindrosas, nascidas nos anos 20. Essas garotas de papel possuíam pernas grossas, sempre à mostra, devido aos vestidos curtos; longos cílios; sombra nos olhos; e bocas cuidadosamente pintadas, sugerindo beijos. Elas constantemente fingiam-se de

frágeis e submissas, porém acabavam conquistando sua liberdade e domínio dos homens. Na arte de J. Carlos, a mulher aparecia como rainha. Para ele os coronéis, as matronas e os almofadinhas eram detestáveis expressões do ridículo de nossa sociedade contemporânea. A praia onde quase todas as mulheres se tornavam miss, foi o ambiente escolhido por J. Carlos para inserir suas divas.

J. Carlos foi um dos mais importantes caricaturistas do nosso país, tendo inclusive desenhos expostos no Museu de Caricaturas, em Basiléia, Suíça. Aqui participou de diversas exposições, sendo uma das primeiras realizadas em 1914, e que tinha por tema a cidade de São Paulo. No dia 14 de janeiro daquele ano, casou-se com Lavínia Taylor Neves.

Ainda em 1914, tomou parte de uma mostra organizada pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, juntamente com outros artistas. Foram lhes dedicados dois painéis, montados pelo também caricaturista Nássara. Um desses painéis continha vários estudos de um papagaio, desenhando em sequência, dando a ideia de movimento. Essas ilustrações tinham sido feitas para a Papagaio, uma revista de humor, de curta existência (a capa número um de 6 de março de 1928 foi um trabalho de J. Carlos).

No campo dos quadrinhos, J. Carlos começou a colaborar na revista O Tico-Tico em 1905, abandonando as histórias dois anos mais tarde. Em agosto de 1921, tornou-se o diretor artístico de todas as publicações da S.A O Malho, ocupando este cargo até 1930. Então voltou a trabalhar na O Tico-Tico. Uma das suas primeiras criações foi Lamparina, “uma negrinha do morro que vivia pregando peças nos adultos” (AZEVEDO, 2005, p.39). Lamparina contracenava com o gordo Goiabada, o magro Carrapicho e o garoto Jujuba. J. Carlos desenhou as aventuras de Lamparina de 1924 a 1941, quando deixou de vez as histórias em quadrinhos. De acordo com Marco Aurélio Luchetti (2005, p.60), J. Carlos despediu-se de seus personagens com o seguinte texto: “Fi-los mais de vinte anos, mas hoje, um esforço tamanho para quê? Por quê? A remuneração é tão insignificante. Quem é que pode concorrer com esses originais estereotipados estrangeiros?”

3.3.3 Luiz Sá de Araújo

Luiz de Sá Araújo nasceu em 28 de setembro, na cidade Fortaleza, Ceará. Ele teve como inspiração para entrar no mundo do desenho a sua mãe Francisca Sá, que era professora de desenho, e seu avô Luiz Sá, também desenhista. Aos vinte e um anos de idade, Luiz Sá foi para o Rio de Janeiro. Assim que chegou arranhou um emprego no Jornal Imparcial, onde montava a página de fotos de futebol:

No Rio, Luiz passou fome, apanhou icterícia e foi levado para o hospital de Gamboa. Ali, uma freira simpatizou-se com ele, arranhou-lhe um emprego como vigia do hospital. Com distração pra não pegar no sono, Luiz redesenhava quadros famosos da história do Brasil. Certa vez, o caricaturista Pacheco Queiroz, também cearense que na época trabalhava no Diário Carioca, tomou conhecimento de seu trabalho, levando um de seus quadros ao Adolfo Aizen, então funcionário da S.A. O Malho. Aizen procurou Luiz e ofereceu-lhe dez mil reis por desenho, que seria publicado e devolvido ao autor. Essas ilustrações aparecidas na revista Eu Vi (a O Malho coma Revolução de 30, deixaria de circular), repletas de personagens redondos (a marca de Luiz Sá), receberam o título de Galeria de Quadros Célebres da História do Brasil ao estilo moderno e chegaram a ser expostos no Museu de Artes e Ofícios, no Rio, em 1931 (LUCETTI, 2005, p. 62).

Luiz Sá vendeu diversos dos seus quadros da Galeria de Quadros Célebres da História do Brasil, publicados na revista Eu Vi. Inclusive, deles mostrava a fundação da cidade do Rio de Janeiro, com um grupo de índios trabalhando. A revista Eu Vi não circulou durante muito tempo, porém Adolfo Aizen, que na época trabalhava na S.A. O Malho pediu para que Luiz escrevesse uma história infantil, e foi assim que nasceram Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Esses foram os seus personagens mais conhecidos no número de abril de 1931 de O Tico-Tico e que apareceram na revista até o seu encerramento, no início do ano de 1960.

Figura 7 – Luiz Sá de Araújo



Fonte: Molero (2008, p. 40).

De acordo com Luchetti (2005), Luiz foi pioneiro na arte do cinema de animação no Brasil. No ano de 1940 começou a fazer desenhos para a abertura de cada notícias dos cine-jornais Esporte na Tela e, Notícias da Semana. Faleceu em 1979 praticamente desconhecido das novas gerações.

3.3.4 Renato de Castro

É considerado umas das figuras de maior representatividade por ter idealizado e concretizado o lançamento de O Tico-Tico. No começo de sua vida profissional, Renato de Castro trabalhou na Gazeta de Notícias, secretariando José do Patrocínio e Olavo Bilac. De acordo com Gagnin (2005, p. 99), Castro ilustrava os noticiários policiais. Ia ao necrotério e copiava as linhas fisionômicas dos protagonistas de casos sensacionais, com o que a revista podia divulgar os perfis dos criminosos e de suas vítimas. No Dom Quixote, fundado por Angelo Agostini, Castro colaborou com textos e charges, pois era também um exímio desenhista.

3.3.5 Manoel Bomfim

Manoel Bomfim (1868-1932) nasceu na cidade de Aracaju, na Província de Sergipe, filho de Paulino José do Bomfim e Maria Joaquina Bomfim, uma família de proprietários de engenho. De acordo com Luís Paulino Bomfim (1993, p. 335), Manoel Bomfim, era

[...] filho de família da burguesia que conseguira atingir sua posição social ao se firmar como senhores de engenho nas proximidades de Aracaju. Manoel Bomfim estudou em Aracaju e, aos 12 anos, foi trabalhar no engenho da família, transferindo-se cinco anos depois para a Bahia” para estudar medicina.

Manoel Bomfim iniciou a Faculdade de Medicina na Bahia e concluiu seus estudos no Rio de Janeiro, em 1890. Após concluir a faculdade Bomfim começou a trabalhar como oficial médico da Polícia do Rio de Janeiro, por intermédio do jornalista e político Alcindo Guanabara.

Figura 8 – Manoel Bomfim



Fonte: Azevedo (2005, p.9)

Bomfim foi diretor da Escola Normal, onde também atuou como professor de Educação Cívica, diretor da Instrução Pública Municipal, da Instrução Pública do Distrito Federal e do *Pedagogium*, que foi uma espécie de museu pedagógico e centro de estudos pedagógicos e psicológicos do Distrito Federal. Ele escreveu diversos livros de pedagogia, educação, psicologia, manuais escolares e ensaios de caráter histórico e sociológico.

Ele foi, também, um dos fundadores da revista O Tico-Tico. De acordo com Sodré (1966), “O Tico-Tico e seu almanaque surgiram da intuição de Manuel Bomfim e Renato de Castro, com a colaboração dos melhores artistas da época”. Na visão de Santos (2017, p. 8), “[...]não há como ignorar o êxito desta publicação infantil que foi o primeiro trabalho de peso dos quadrinhos brasileiros, difundida por todo o território nacional”.

3.3.6 Angelo Agostini

Uma figura de bastante representatividade na vida d'O Tico-Tico, Angelo Agostini, artista italiano, nasceu em Vercelili, no dia 8 de abril de 1842. Ele iniciou seus estudos em Paris e frequentou academias de arte, até sua vinda para o

Brasil, quando tinha 17 anos de idade. De acordo com Azevedo (2005), tudo leva a crer que Agostini e sua família aportaram no Brasil no navio June France, em 13 de maio de 1859.

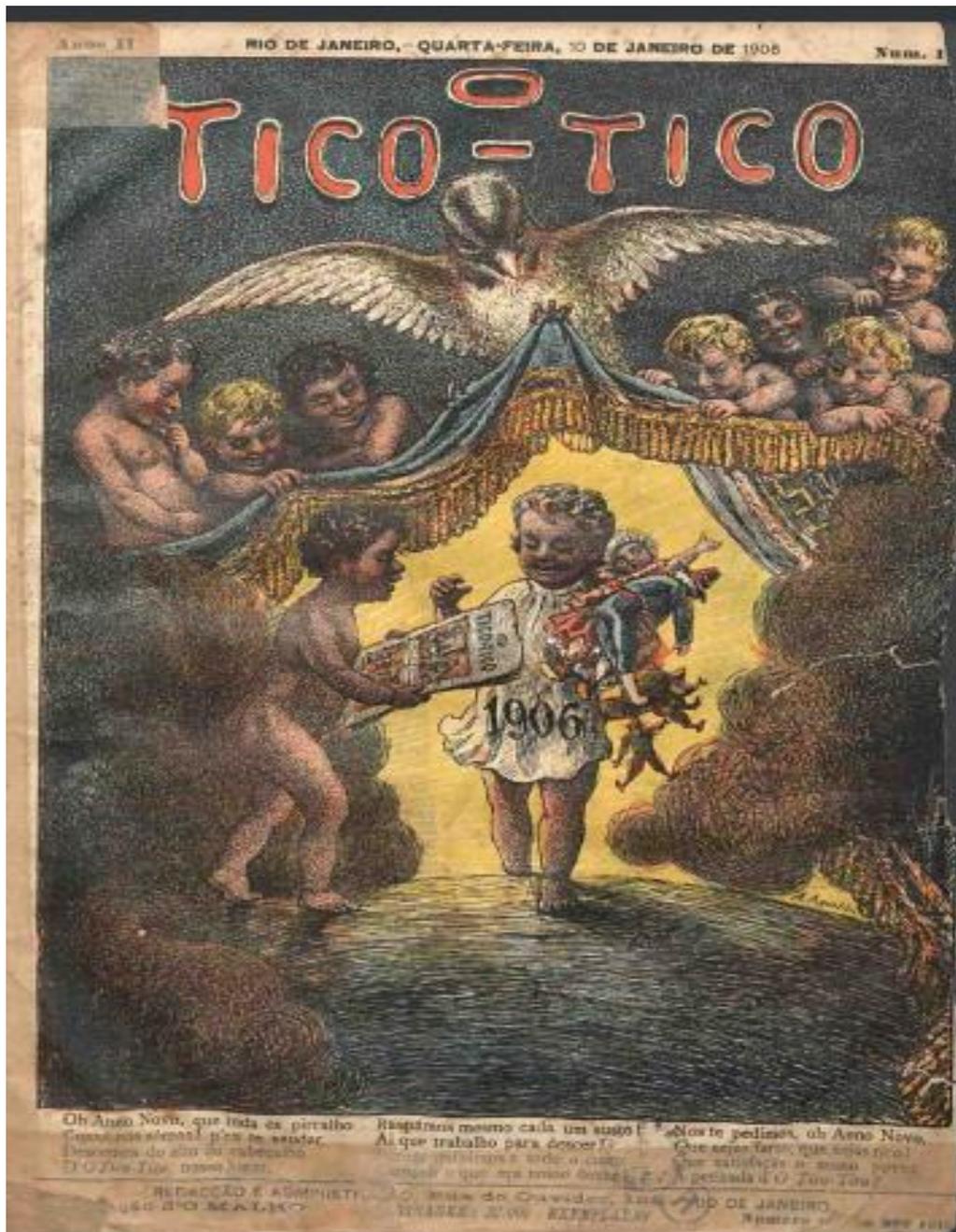
Figura 9 – Angelo Agostini (1843-1910)



Fonte: Vergueiro (2005, p.7).

Pioneiro das narrativas sequenciais no Brasil, Angelo Agostini, além de criar o primeiro logotipo da Tico-Tico, também produziu capas, como por exemplo, a da edição de Número 14 do ano de 1906, em comemoração ao Ano Novo, conforme ilustra a figura 10.

Figura 10 - Capa criada por Angelo Agostini, no ano de 1906



Fonte: O TICO-TICO, 1906.

Para além das capas, é importante destacar as ilustrações feitas por ele no Almanaque do ano de 1907, e as histórias em quadrinhos, a exemplo da história do Macaco e Chico Caçador, publicadas no mesmo ano.

A produção de Agostini foi imensa em seus 46 anos de trabalho. O mesmo produziu mais de seis mil páginas de arte e textos. Uma das produções de

destaque de Agostini é o *Jornal Diabo Coxo*, publicado no ano de 1864 na cidade de São Paulo, sendo este o primeiro jornal ilustrado e de caricaturas da capital da província. Em 1866, Agostini lançou o *Cabrião*, um jornal cujo nome foi inspirado em um personagem de *Os Mistérios de Paris*, um folhetim francês daquela época. Esse impresso apresenta a história de um jovem pintor que zombava de tudo e de todos e incomodava a vida das pessoas. De acordo com Azevedo (2005, p. 11), “[...] é o que Agostini pretendia fazer com a política, a religião e toda sociedade paulistana”. O artista também é considerado um dos precursores dos quadrinhos modernos. Agostini defendeu a liberdade dos escravos e abraçou a causa da República. Ele faleceu desiludido, em 1910, pois não era com aquela República que tanto sonhara (AZEVEDO, 2005, p. 9).

Até ao ano de 1910, os fundadores do periódico aqui investigado mantiveram os objetivos do projeto inicial. Leituras realizadas em edições posteriores ao marco temporal final demonstraram que, pelas mudanças que ocorriam na sociedade, foi necessário ir ajustando o conteúdo e a forma de organização em suas páginas.

4 A REVISTA TICO-TICO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA BRASILEIRA

Esta seção é dedicada a discussão da revista como um veículo de circulação de práticas pedagógicas e espaço de formação e educação das crianças brasileiras.

4.1 Sobre as Práticas Pedagógicas e a Educação Extraescolar na Revista

Este trabalho compreende a revista O Tico-Tico como espaço de práticas pedagógicas de uma educação extraescolar. Nesse sentido, analisar a revista como espaço de formação por meio de uma educação extraescolar exigiu utilizar este conceito, de acordo com os estudos de Nascimento (2008, p. 8), o qual define a referida educação como “[...] prerrogativas que são próprias à escola como agência educativa e aquelas que estão em outros espaços, outras agências de Educação organizadas pelas práticas da vida social”.

O termo extraescolar também está vinculado à educação não-formal. Acentuada após o fim de Segunda Guerra Mundial, a educação extraescolar se expandiu porque os sistemas escolares não conseguiram suprir as demandas, bem como foram criticados quanto a sua eficácia no novo processo de transformação social que se apresentava (FÁVERO, 2007). Neste sentido:

O não-formal tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área de educação para situar atividades e experiências diversas, distintas das atividades e experiências que ocorrem nas escolas, por sua vez classificadas como formais e muitas vezes a elas referidas. Na verdade, desde há muito tempo classificava-se como extra-escolares atividades que ocorriam à margem das escolas, mas que reforçavam a aprendizagem escolar, nas bibliotecas, no cinema, no esporte, na arte (FÁVERO, 2007, p. 6).

Mesmo não sendo um impresso escolar, a aproximação da revista com o universo escolar foi uma grande estratégia utilizada pelos idealizados para

cativar os pais no que diz respeito à fidelidade na assinatura, bem como fazer circular os ideais republicanos efervescentes naquele período.

Os textos impressos na Tico-Tico estabelecem sua identidade à medida que se dirigem a um leitor-modelo dotado de uma singularidade que o distingue do leitor adulto. Nesse sentido, os textos destinados ao público infantil foram escritos com expressões mais simples e conteúdos voltados ao que seria de interesses das crianças, visando modelar o comportamento dos pequenos leitores. Escritas em sua totalidade por adultos, sobretudo homens, as seções da revista expressam genéricas expectativas adultas sobre os interesses das crianças, projetando enfaticamente as concepções para a construção do cidadão republicano, visando o futuro da nação:

O Tico-Tico revelou a preocupação e a determinação dos editores em divulgar uma literatura com personagens fantásticos, construídos a partir da coesão de um sistema de valores e crenças, conselhos e recomendações assumidas desde o princípio da revista. Aqui, as histórias em quadrinhos e contos se construíram nos canais mais eficazes para difusão das aspirações e expectativas dos editores em relação à infância brasileira (MERLO, 2003, p.126).

Os textos e as seções publicadas pela revista divulgam, portanto, um modelo esperado de ser e viver a infância e de ser criança. Nesse sentido, as formações discursivas não apenas buscam modelar um olhar sobre a infância, mas, sobretudo, informar as práticas relativas ao cuidado e à socialização das crianças, normatizando seu processo de formação e de inserção social.

Durante o período de circulação aqui investigado, a revista dispôs de quatro seções emblemáticas e reveladoras de práticas pedagógicas calcadas em uma educação extraescolar. Elas foram nominadas como Lição de Vovô, Gaiola do Tico-Tico, As Desventuras de Chiquinho e, História do Brasil em Figuras.

A seção Lição de Vovô é muito curiosa e importante, tendo em vista que a mesma circulou do primeiro ao último número da revista. A seção era composta por assuntos que enveredavam pelas lições de Ciências, História, Geografia e, assuntos cotidianos diversos. A Figura 11 apresenta a primeira seção da Lição de Vovô publicada na primeira edição da revista do ano de 1905.

Figura 11 - Lição de Vovô (1905)

O Tico-Tico

EXPEDIENTE

A empresa d'O MALHO publicará às quartas-feiras O Tico-Tico, jornal ilustrado para crianças, collaborando nelle escriptores e desenhistas de nomeada.

Condições de assignatura:

INTERIOR: 1 anno.....	10\$000	6 mezes...	6\$000
EXTERIOR: 1 anno.....	20\$000	6 mezes...	12\$000

Numero avulso 200 réis. Numero atrasado 500 réis.

Toda a correspondencia, pedidos de assignatura, etc., devem ser dirigidos ao escriptorio e redacção d'O Malho, rua do Ouvidor n. 132, Rio de Janeiro.

TICO-TICO

Todos amam as crianças; não ha poeta que não celebre a sua innocencia e a sua belleza ... Entretanto, caso singular! nada se faz em favor dellas, para divertil-as, para distrahir e encantar a sua existencia. Não organisamos festas alegres, em que ellas possam folgar e rir em liberdade; e não lhes damos uma litteratura especial, simples, factiva, ao alcance da sua intelligencia. Ao contrario, as festas em que as crianças figuram são destinadas a divertir... os marmanjos; marchando ao sol em batalhões, obrigadas a uma disciplina e a uma tenue que as fatiga e aborrece, ou representando comedias edizendo monologos que não comprehendem, ellas vão a essas festas como a um sacrificio e a um castigo.

Este jornalzinho (para enpregar uma *chapa* inevitavel) vem preencher uma lacuna. É um jornal que se destina exclusivamente ao uso, á leitura, ao prazer, á distração das crianças. Não queremos a attenção nem o applauso da gente grande: os pequeninos, os innocentes, os simples formarão o nosso publico. E para elles que escrevemos, — si conseguirmos agradar-lhes, teremos obtido o unico triumpho que ambicionamos.

Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão, nas paginas do Tico-Tico, para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante, ellas poderão dizer, com orgulho: «Os marmanjos têm os seus jornaes? pois nós também temos o nosso jornal, que é feito para n'ós, exclusivamente para nós!»

É não sómente os pequeninos nos hão de agradecer! Todas as mães, todos os que verdadeiramente amam as crianças hão de comprehender que a nossa tentativa é digna de apoio.

A LIÇÃO DE VOVÔ

— Vovô! Desde que você chegou que me prometeu pintar um quadro deante de mim. Quero ver como é que você desenha.

— Bem; é hoje mesmo. Preste attenção e fique muito quieto. Vou pintar seu pai, você e a Laurita, na estação, esperando o trem.

— Aqui está a estação. Está boa?

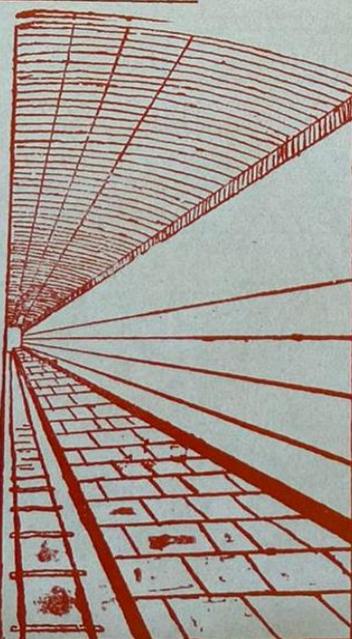
— Oh! Muito boa; parece mesmo a estação.

— Veja agora: Seu pai, você e Laurita. Que tal?

— Não, não está bom. Você fez os tres do mesmo tamanho.

— E' o que lhe parece. Desenhei um homem, um rapazinho e uma pequerrucha.

— Olha aqui!



São do mesmo tamanho.

— Engano seu.

— Pois você vai ver: eu recorto as tres figuras para lhe mostrar si não são da mesma altura.

— Bom: enquanto você as recorta, eu acabo de desenhar a estação.

— Veja! Veja!... São ou não são do mesmo tamanho?

— Não; não é aqui que eu as quero ver; é na plataforma da estação; colloque-as ahi.

— Então, me dê o desenho... Ih! A Laurita está enorme! muito mais alta do que eu e do que papai!!!

— H o m e m, essa! Ainda agora, você dizia que eram do mesmo tamanho; agora ella é mais alta.

— Pois veja!

— Sim, ve me cá... E agora?...

— Ah! E' verdade: papai está maior do que eu, e eu estou maior do que a Laurita. Como foi isto? Por que é assim?

— E' porque seu pai está collocado mais longe, e quando nós vemos os objectos ou as pessoas mais longe ellas parecem menor. Por isto, si nós pintamos diversas pessoas no mesmo quadro, aquellas que estão mais para o fundo, aquellas que queremos mostrar mais longe, devem ser de tamanho menor. Seu pai, que está mais longe, foi desenhado com a mesma altura que você e a Laurita, no entanto apparece maior — com a sua estatura regular de homem. E' a isto que os pintores chamam a perspectiva do quadro.

E. Bomfim



Fonte: O TICO-TICO (1905, n.1).

Um aspecto importante observado na seção Lição de Vovô publicada na edição inaugural da revista é que ela foi assinada por E. Bomfim. No entanto, foi

possível observar que o mesmo não aconteceu nas demais edições que se inserem no marco temporal desta pesquisa. Vale ressaltar que nos primeiros anos de circulação da revista, a seção Lição de Vovô ocupava uma ou duas colunas nas páginas, mas, com o passar dos anos, ela foi ganhando evidência e conquistando seu público leitor, conforme pode ser observado na Figura 12.

Figura 12 - Lição de Vovô (1909)



3 O TICO-TICO

EXPEDIENTE

EDIÇÃO DE 24 PAGINAS

A empresa d'O Malho publica todas as quartas-feiras O Tico-Tico, jornal illustrado para creanças, no qual collaboram escriptores e desenhistas de nomeada.

Redacção, escriptorio e officinas rua do Ouvidor, n. 164 e Rossio, n. 173.

Condições da assignatura:

INTERIOR: 1 anno, 11\$000, 6 mezes 6\$000
 EXTERIOR: 1 " 20\$000, 6 " 12\$000

Numero avulso, 230 réis. Numero atrasado, 500 réis.

As assignaturas começam em qualquer mez, terminando em Junho ou Dezembro de cada anno.
 Não se accitam assignaturas por menos de 6 mezes.

Toda a correspondência—pedidos de assignaturas, etc., deve ser dirigida ao escriptorio e redacção d'O Malho, rua do Ouvidor, n. 164, antigo 132, Rio de Janeiro.

As lições de vovô

Meus netinhos:

Vamos nos occupar hoje de uma das maravilhas do seculo XX.

Em breve, meus netinhos, todos os pontos do globo, estão em communicação, por meio d'essa maravilhosa maneira de transmitir o pensamento, que se chama: TELEGRAPHO SEM FIOS.

Em todos os pontos do globo crearam-se estações, de maneira que, d'aqui a pouco, os lugares mais longinquos terão um posto que os manterá em communicação com o



Fig. 1

resto do mundo. E' principalmente a Africa que o telegrapho sem fios ha de prestar valiosos servicos, pois ali os postos telegraphicos estão por vezes distantes uns dos outros centenas de kilometros.

Vamos dar uma idéa sobre o que é realmente o TELEGRAPHO SEM FIOS.

Para isso vamos nos servir de uma pequena experiencia.

Tomem dez bolas de madeira, ferro ou de outro metal qualquer e collocem sobre uma mesa, umas ao lado das outras, tendo o cuidado de fazer com que ellas se toquem por um ponto.

Isto feito, coll'quem um dedo sobre uma das bolas das extremidades, como mostra a fig. 2, e dêm nessa bola uma pancada no sentido horizontal, secca e leve, com um martello.

O que acontecerá? A bola da extremidade opposta deixará a sua posição e irá p'correr tão longe quanto houver a força da pancada.

Está ahí um phenomeno curioso, não é assim? O movimento que imprimiram á bola transmitiu-se e propagou-se através de todas as outras até a ultima, que, não se achando retida por obstaculo algum, recebeu o impulso communicado e deslocou-se.



Fig. 2

Houve ahí uma transmissão de forças, sem que as bolas intermediarias tivessem sido tempo de ser affectadas. Na verdade, ellas sentiram, no momento em que receberam o impulso, um movimento de oscillação, mas, encontrando outra bola, transmitiram esse movimento sem nada guardar.

Supponham agora que no universo existe uma materia extremamente rarefeita chamada ETHER e que seja formada por bolas que se tocam: essas bolas são de extrema pequenez, de cem millesimas de millimetros de diametro.

Mas essas bolas, essas molleculas, assim as podemos chamar, estão esparsas por todos os corpos, bem como nos espaços escaletos e entre as molleculas dos corpos. Emfim, todos os espaços acham-se cheios d'essa materia: o ETHER.

Vamos resumir: O espaço é cheio por uma materia chamada Ether, que existe por todos os lugares, tanto entre os corpos celestes, que gravitam na immensidade do infinito, afastados centenas de milhões de legoas, como nos espaços infinitamente microscopicos que separam os atomos.

Ora, o ether transmite as vibrações, como aconteceu com as bolas. Cada mollecula do ether está num estado de equilibrio estavel: quando esse equilibrio é perturbado, produz-se uma oscillação nessa mollecula, que se transmite ás vizinhas.

D'esse modo, meus netinhos, ficou explicado esse phenomeno que tem intrigado tantas pessoas: o TELEGRAPHO SEM FIOS A DISTANCIA.

Vovô

Passou no dia 14 do corrente o anniversario da nossa gentil leitora Clotilde Monteiro de Castro, filha do Sr. Eduardo M. de Castro, residente em Rio das Velhas, Minas Geraes.

A Titieta, grande admiradora do CAQUETÃO, felicita-nos por esse motivo.



A'O Tico-Tico gentil,
 Por mais um anno coitar,
 Este rufando de flores
 Hoje venho-lhe ofertar.

Macico, Estado do Rio
 HAMILTON PEREIRA

Fonte: O TICO-TICO (1909, n .215).

Na narrativa da Figura 12 é possível observar que “As lições de Vovô” criavam um ambiente familiar, de conversa amigável e em nível de aconselhamento, que os pequenos leitores recebiam de alguém com sabedoria experiência. As lições eram elaboradas de forma carinhosa representando uma conversa, cujo intuito era ensinar. Conforme já ressaltado, a seção dispõe de

um vasto leque de interesses, realizando um verdadeiro diagnóstico da vida brasileira para seus leitores reforçando sempre os princípios básicos da revista, voltados para o lazer, a informação e a formação da criança brasileira.

A seção a Gaiola do Tico-Tico também é reveladora de práticas pedagógicas, por se tratar de um espaço composto por cartas que objetivava manter o diálogo dos editores com os leitores do semanário:

Parenta próxima da famosa caixa do Malho, servirá esta *gaiola* para responder todas as crianças que nos quiserem honrar com sua colaboração artística litteraria. É uma gaiola que fala e canta: não rufa como a Caixa, na pele dos “camaradinhas”. Apenas tem um alçapão onde cairá tudo que não servir... (Revista *O Tico-Tico*, 11.10.1905, p 7).

Essa seção apresentava, principalmente, a colaboração de leitores, por meio de textos e ilustrações, prática estimulada pela revista, como também as interações com os editores e redatores. A Gaiola do Tico-Tico propiciava a interação com leitores de todo o Brasil. Na figura 13 é possível observar as primeiras contribuições dos leitores publicadas na revista.

Figura 13 - Gaiola do Tico-Tico (1905)

O Tico-Tico

mento com muita pompa indo adiante de todos, os dons
irmãos da noiva.



GAIOLA DO "TICO-TICO"

Parenta proxima da famosa *Caixa do Matho*, servirá esta gaiola para responder a todas as erianças que nos quiserem honrar com a sua collaboração artistica ou litteraria.

É uma gaiola que falla e canta: não rufa, como a Caixa, na pelle dos «camaradinhos». Apenas tem um alcapão onde *cahirá* tudo que não servir...

Que esta secção é uma necessidade, prova-o o facto de já termos as seguintes respostas:

Aristeu Coelho (Rio) — Sim, senhor: pôde mandar os versinhos. O que será difficil é o amiguinho vel-os publicados, visto que se referem á sua namorada... Na sua idade, o seu melhor namoro deve ser a sabbalina do collegio e o doce de coco que a vóvó faz, de se lamber o beico.

Nelson Noronha (Rio) — Vê-se que o camaradinho fez um grande esforço para nos contar em verso a historia da *Mezada do papai*. Damos-lhe um conselho: contenos isso em prosa simples, que terá mais graça.

Carlos Andrade Neves (Rio) — Com essa idade já tão triste e tão dramatico? Pelo amor de Deus! Adoce um pouco os seus nervos, ainda que para isso tenha de gastar uns cobses em *tablettes* da Companhia Assucareira.

O Bubú é um menino intelligente e esperto, que promette... saber ganhar muito bem a vida. Elle teve que recitar uma fabula deante de sua madrinha, num dia de festa.

Chegando á casa da madrinha, pergunta-lhe:

- Disseram-me que a senhora me daria dez tostões si eu recitasse uma fabula em sua presenca?
- Sim, meu travesso.
- Pois si quizer recito-lhe duas por mil e quinhentos

APEZAR DE NÃO TER COMIDO HAVIA TRES DIAS,
O REI DEU TRES PULOS

A pedido de Roseta foram perdoados a aia e o capitão do navio e o rei deu muito dinheiro ao pescador.
Viveram então todos na maior felicidade, inclusive o Lindinho que foi nomeado guarda-mór da cozinha real.

M. MAITLAND

Fonte: O TICO-TICO (1905).

Como pode ser observada na Figura 12, as respostas eram curtas, quase sempre composta de duas linhas, que configuravam como confirmação do recebimento das fotografias, textos enviados, bem servia de espaço para apresentar breves comentários.

Um exemplo de prática pedagógica que pode ser observada nessa seção diz respeito ao aprendizado sobre o uso correto da língua, o que objetivava proporcionar o conhecimento e a difusão da língua portuguesa, respostas com o objetivo de correção moral. Nas repostas presentes na Figura 14 é possível identificar que o editor responsável pelas respostas dirige elogio às crianças como, por exemplo:

"[...] pois amiguinho si você tem 8 anos e já escreve com letra tão bonita, pode vir a ser um bom guarda-livros".

“[...] a sua cartinha está muito bem escripta”.

[...] Peru é um paiz uma república do pacífico...”

Gaiola d'O TICO-TICO

Antonio Carlos (S. Paulo) — A primeira pergunta tem sido muito... perguntada. A segunda não tem resposta satisfactoria, por que o lugar mais longe do mundo não é onde Judas perdeu as botas. No tempo de Judas o mundo ainda era muito pequeno. Hoje conhecemos o pólo norte e o pólo sul, isto é, as extremidades do mundo que habitamos e pelos quaes nunca passou Judas.

Além disso as perguntas não podem ser de um menino de 8 annos.

José Melchíades (Minas) — Os seus versinhos não podem ser concertados agora, e achamos melhor fazer outros. Enfim, um só, vá lá:

Na cidade eu sou um alho
E não sou menino rico,
Pois se vendo bem *O Malho*,
Melhor vendo *O Tico-Tico*.

Estimaremos que faça uma boa feria em ambos.

Adalgisa e Netto (Parahyba do Norte) — Sentimos não concordar com a escolha do contosinho. Em todo caso publicaremos porque tem graça.

Sandoval Dias Pinto (Parahyba) — Pois, amiguinho, si você tem oito annos e já escreve com letra tão bonita, pôde vir a ser um bom guarda-livros. Tomamos nota do seu conto copiado da Biblia como lição de escripta.

Luiz Augusto Rodrigues e seus cinco companheiros — Não podemos publicar *O Tico-Tico* tres vezes por semana. Uma só já dá tanto trabalho...

Octávio Vieira (Campos) — Os doze numeros a quatrocentos réis cada um.

J. A. d'A. Gonzaga Junior (Rio) — Acertou muito bem, mas como sabe não ha premio para essa distração que efferecemos aos nossos leitoresinhos.

Redacção d'*A Infancia* (Cachoeira) — Agradecemos a remessa do bem feito jornalzinho.

E. C. Lambert — As duas ultimas perguntas já foram feitas. A primeira é muito conhecida.

Veja outras mais interessantes.

Arnando, Carmen e Mario Mursa, Guilomar d'Almeida, Luiz e João Butaí (S. Paulo) — Brevemente daremos *construcções facias*. Agradecemos pelo interesse. As perguntas da menina Carmen serão aproveitadas. Os versos do menino Arnando podia ser assim:

O Juquinha com Chiquinho
Fazem bem um só peralta;
Si eu não leio *O Tico-Tico*
Sinto mesmo muita falta,

Caio Marcio (Bello Horizonte) — Será aproveitada a sua historia illustrada.

Raul Fonseca (Belém, Pará) — Gratos aos seus amaveis cumprimentos.

Violeta Campos (Santos) — Conto e versos serão publicados.

Margarida Coutinho, Remy de Carvalho, Afobado, Custodio Pacheco Borges, Irma P. Ramos, Angelo Bruhus de Carvalho, Affonso Pacheco, José Vieira, Ida

Cardoso, Adolpho Murat, Manuel Caldeira de Alvarenga, Audemaro da Silva Magalhães, João da Matta Oliveira, Nelson Guimarães, Marinho Telles de Menezes, Paulo Alvares de Souza, Elodie Jaymot, Alvaro Christovão Fernandes, Maria de Lourdes de Azevedo, Addery C., Aureliano Carneiro Junior, Antonio de Azevedo, Augusto Alberto Dias, Lucilla de Queiroz Albuquerque, Luiz Augusto de Queiroz Albuquerque, Julieta de Azevedo Figueiredo, Maria Alice de Castro, Alvaro Mondaine, Mariquinhas de Azevedo, Luiz A. Rodrigues. — As perguntas, charadas e problemas enviados pelos valentes leitoresinhos, serão em sua maioria aproveitados na primeira occasião.

Custodio Pacheco Borges — Os seus versinhos estão muito interessantes. Publica-o-emos quando houver espaço.

Adalberto Lobato (Pará) — A historia do chapelinho vermelho está muito bem escripta, mas já é conhecida.

Preferimos publicar cousas novas. Mas não desanime por isso, mande-nos outro trabalho.

Alexandre Leonil (Santos) — Tenho muito prazer em saber-o restabelecido da enfermidade que tanto tempo nos privou da sua collaboração.

Alvaro Teixeira Pinto Filho, Lindolpho Silva, Maria Noronha, Lolita Carmem da Silva, Jurandyr dos Reis Paes Leme — Recebemos os trabalhos.

Waldemar Marques — Vamos ler. Espere resposta.

Mario Rodrigues Dias — Não tem de que se desculpar. A sua cartinha está muito bem escripta. Quanto á consulta responderemos no proximo numero.

Hilda G. — O seu conto é bonito mas muito triste. Em todo o caso—veremos, como diz o cego.

A todos os leitores—lembramos que não nos é possível attender a cartas que não venham assignadas, e trazendo declaração da idade e residencia. Até hoje temos accettato algumas nestas condições, mas isso não é regular, e pedimos á todos os leitores que não mandem mais cartas assignadas apenas com pseudonymos ou iniciaes.

Alba C. do Nascimento — As perguntas que nos enviou deviam ser acompanhadas das soluções para nos facilitar o serviço. Lembre-se de que nós recebemos mais de cem cartas por dia. Por isso é que o seu problema ficou guardado.

Aureliano Carneiro Junior (S. Paulo, Banharão) — C. Perú é um paiz, uma republica do Pacifico. Tres dos problemas que nos enviou são excellentes e serão publicados.

Francisco de Paula Torres — Muito agradecidos pela graciosa saudação. A lembrança é extremamente gentil.

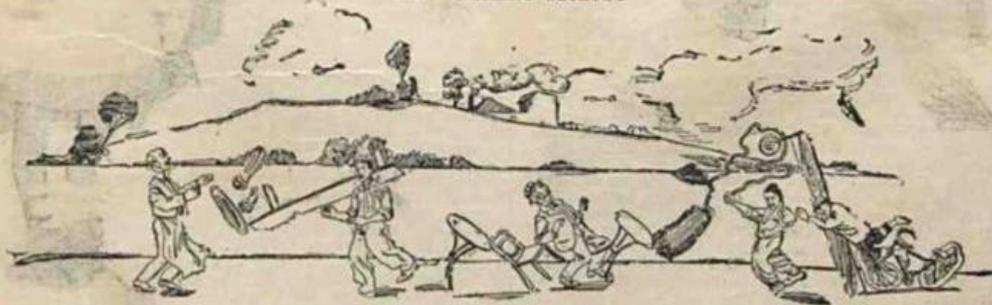
Julio S. Mello — Não foi favor, foi justiça que fizemos a vossa intelligencia. Estamos aqui para servir aos nossos queridos leitoresinhos. Vamos publicar o seu projecto de estandarte para *O Tico-Tico*.

Filhinha — Já temos procurado muitos meios de fazer o que nos pede, mas é difficil porque não se pode imprimir cousa alguma nas margens do jornal.

Jandyra Leite Cezar (Taubaté) — Está muito bom o desenho e muito amável a legenda. Serão ambos publicados.

Marietta Jacques — Gostámos muito da historia do Manuelito. Os desenhos estão engraçadissimos. Serão publicados com a maior brevidade.

UM TRABALHO CURIOSO



O desenho acima é uma reprodução da bellissima aquarella que nos foi enviada pela menina Adelia da Veiga, de 10 annos, como solução do concurso n. 37.

Infelizmente não nos é possível reproduzir o seu magnifico trabalho com as lindas cores que tanto recommendam sua habilidade de aquarellista.

A Gaiola era lugar para o destaque e avaliação das colaborações espontaneamente enviadas. Mesmo sendo destinada aos leitores mirins, a revista O Tico-Tico era consumida por toda a família e, por isso, a visibilidade dos filhos era também uma maneira da família exibir sua educação, seus modos e valores.

A seção História do Brasil em figuras apresenta uma diversidade de acontecimentos históricos, a exemplo da catequização dos índios pelos jesuítas, a tomada e restauração da Bahia (1624, 1625), a revolta dos pernambucanos e a expulsão dos holandeses (1645 a 1654) e, a revolta de Manuel Beckman, no Maranhão (1648 a 1685). A Figura 15 apresenta a história de invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco.

Figura 15 – História do Brasil em Figuras

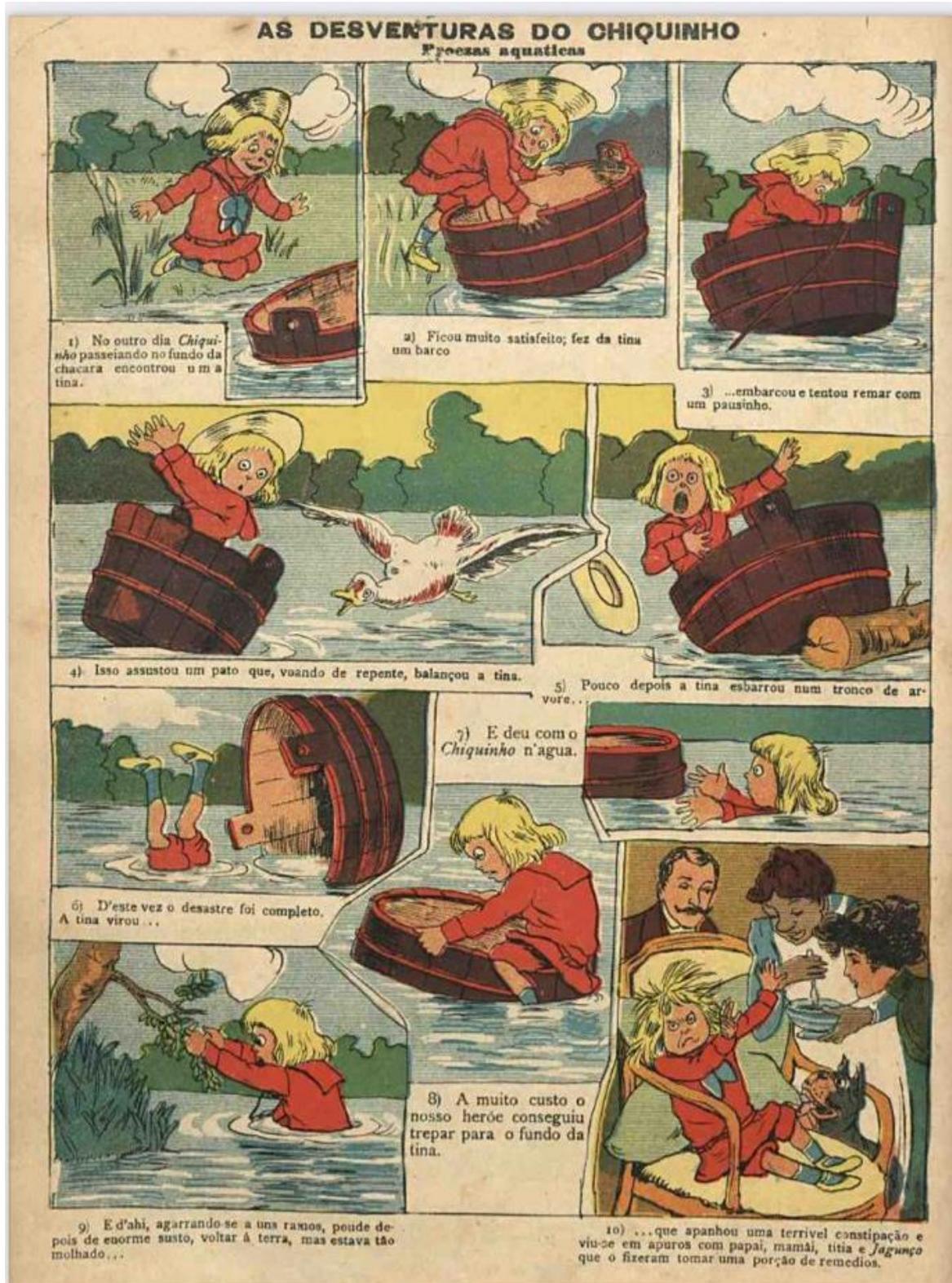


Fonte: O TICO-TICO (1906, n. 16).

Outras histórias também foram ilustradas e contadas nas páginas do Tico-Tico, como, por exemplo, A Guerra entre os Paulistas e os Emboabas (1708 a 1709); Independência do Brasil de 1821 a 1822; Conspiração de Tiradentes; Palmares – sua destruição (1697), entre outros.

A seção *As Desventuras de Chiquinho*, também conhecida como *As Aventuras do Chiquinho*, o menino Chiquinho em suas aventuras, ria, fazia suas traquinagens e, no final, tinha merecido castigo, normalmente de sua mãe, ou, na maioria das vezes era vítima de si mesmo. A Figura 16 revela mais uma das *Desventuras de Chiquinho*.

Figura 16 – As Desventuras de Chiquinho (1907)



Fonte: OTICO-TICO (1907, n. 107).

Para além das histórias de cunho educativo presentes nas seções da Tico
–Tico.

[...] jogos dos mais variados tipos também foram disseminados pela revista **O Tico-Tico**. Quebra-cabeças tradicionais, como as tão populares palavras cruzadas, revezavam-se com as chamadas cartas enigmáticas em que trechos de uma mensagem escrita eram substituídos por sinais ou desenhos, cujo significado devia ser adivinhado pelos leitores, desafiando a inteligência das crianças (VERGUEIRO, 2005, p.164).

No processo de análise das seções do impresso foi possível identificar que os jogos presentes nas páginas da revista também eram de cunho educativo, o que por sua vez se configuram em práticas pedagógicas de uma educação extraescolar.

Construiu-se em torno de O Tico-Tico uma imagem que correspondia a um conjunto de representações projetadas pelas classes privilegiadas e assimilado por setores das classes médias: a organização de uma sociedade modelar, dirigida pelos mais aptos, competentes e criativos e assistida em suas misérias e diferenças. Procurava-se, desse modo, transformar a visão constrangedora de um Brasil atrasado, subdesenvolvido, enfermo e repleto de analfabetos (ROSA, 2002, p.15)

Nesta seção buscamos sistematizar nossa abordagem e apontar os resultados dos caminhos escolhidos e aquilo que consideramos ter avançado nas análises já existentes sobre o periódico, com foco nas práticas pedagógicas de uma educação extraescolar presentes em suas publicações.

A revista circulou em um período considerado de grandes mudanças nos processos culturais e políticos do país. Ela compõe um projeto singular de formação infantil voltada para a construção da identidade da criança republicana e futuro homem moderno. Conforme revelou a epigrafe, constituiu-se em torno de O Tico-Tico uma imagem que correspondia a um conjunto de representações projetadas pelas classes privilegiadas. Assim, é importante ressaltar que seu projeto formativo foi fruto de um amplo debate que tomava conta da intelectualidade brasileira no início do século XX.

Dentro desses debates, a literatura infantil era vista como caminho para fortalecer a missão da escola, bem como a imagem do país para as gerações futuras. O grupo de intelectuais que idealizaram a revista atuaram na imprensa e na educação pública, crendo na educação como a saída para o atraso no qual o país se encontrava à época.

Fundamentada em uma educação extraescolar, O Tico-Tico estabeleceu uma ideia singular de formação infantil, que envolvia não apenas a aquisição de competências didáticas, mas, também, a constituição de valores, padrões de comportamento e de sensibilidades modernas.

As quatro seções publicadas pela revista aqui analisadas divulgaram, portanto, um modelo esperado de ser e viver a infância e de ser criança a partir de práticas pedagógicas extraescolares. Nesse sentido, as formações discursivas não apenas buscaram modelar um olhar sobre a infância, mas, sobretudo, modelar as práticas relativas ao cuidado e à socialização das

crianças, normatizando o processo de formação e de inserção social do futuro cidadão republicano.

As publicações seguiam como modelo de história da tradição narrativa conto de fadas, onde todo final deveria conter alguma mensagem de cunho moral, objetivo principal da revista. Assim, O Tico-Tico foi um veículo de transmissões de questões sociais e educacionais para seu público leitor, além dos textos ilustrados e quadrinhos instrutivos e recreativos utilizados pelas crianças mesmo antes da idade escolar. Suas histórias continham aventuras cheias de façanhas que norteavam valores sociais e morais.

Portanto, o cruzamento e análise das fontes, a partir do referencial teórico-metodológico definido, permitiram confirmar a tese defendida que as práticas pedagógicas presentes no periódico estavam embasadas no método intuitivo, a exemplo das práticas de leitura, de escrita, com uma linguagem direcionada à idade infantil, sempre dando ênfase aos valores éticos e morais, e a um comportamento condizente à formação do cidadão necessário à República.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. **A revista “O Tico-Tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu Jornal”**: seus autores e leitores (1935-1940). 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AZEVEDO, Ezequiel de. **O Tico-Tico**: cem anos de revista. São Paulo: Via Lettera, 2005.

Ariès, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BERTINATTI, Nicole. **A escola dominical presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tiradentes. Aracaju, 2010.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FÁVERO, Osmar. **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos**. Educação e Sociedade. vol.28 no.99 Campinas Mai/Ago. 2007.

FRAGA, Andréa Silva de. **O estudo e sua materialidade**: Revista das alunas mestras da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre/RS (1922-1931). Hist. Educ. (Online) Porto Alegre v. 17 n. 40, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, DF: SEC, 2005. (Coleção Educação para Todos). p. 39-62.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.

MEINERZ, C. B.; PEREIRA, P. N. **Educação das relações étnico-raciais e superação da branquitude**. São Leopoldo | v. 23 n. 1 | p. 161-180 | jan.-jul. 2018.

MENNA, Lúcia Regina Máximo Cavalari. **A literatura infantil além do livro**: as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico-Tico. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

MENNA, Lúcia Regina Máximo Cavalari. A importância das revistas O Tico-Tico e Recreio para a história da literatura infantil e a formação de novos dos leitores. **Letras em Revista**, Teresina, v. 03, n. 01, jan./jun. 2012.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico**: um século de histórias em quadrinhos no Brasil. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAULINO BOMFIM, Luís. Pequena biografia de Manoel Bomfim. In: BOMFIM, Manoel. **América Latina, males de Origem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Trad.: João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Portugal: Gradiva, 5ª edição, 2008.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: mito de formação sadia. Tese de Doutorado USP, São Paulo, 1991.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revistas Eletrônicas PUCRS**. Porto Alegre/RS, ano 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. **O Tico-Tico**: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de Clarineta**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras: 2005

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TEMAS QUE CIRCULARAM NA SEÇÃO “HISTÓRIA DO BRAZIL EM FIGURAS” (1905-1910)

TEMA DA HISTÓRIA	NÚMERO/DATA
Reacção Nativista – Revolução de 1817	29/11/1905
Tomada e Restauração da Bahia – 1624 a 1625	14 – 11/01/1906
Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1639)	15 – 18/01/1906
Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)	16 – 25/01/1906
Prosperidade dos holandeses no Brazil – Mauricio de Nassau (1635-1644)	17–01/02/1906
Revolta dos Pernambucanos – Expulsão dos holandeses (1645 a 1654)	18 – 08/02/1906
Insurreição Pernambucana – Os holandeses expulsos (1645 a 1654) – O caso de Amador Bueno (1640)	19 – 15/02/1906
Revolta de Manuel Beckman, no Maranhão 1648 a 1685	20 – 22/02/1906
Revolta de Manuel Beckman, no Maranhão 1684 a 1685	22– 08/03/1906
Palmares – sua destruição (1697)	23 – 14/03/1906
Palmares – sua destruição (1697)	24 – 22/03/1906
A guerra entre os paulistas e os emboabas (1708 a 1709)	25 – 29/03/1906
Os emboabas e os bandeirantes (1708 a 1709)	26 – 05/04/1906
Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)	27 – 12/04/1906
Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)	28 –19/04/1906
Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)	29 – 26/04/1906
Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)	30 – 03/05/1906
As Missões – Sua sublevação (1756 a 1759)	31 – 10/05/1906
As Missões – Sua sublevação – Expulsão dos Jesuítas (1756 a 1759)	32 – 17/05/1906
Conspiração de Tiradentes	34 – 30/05/1906
Condenação e execução de Tiradentes	35 - 07/06/1906
Chegada de D. João VI	36 – 14/06/1906
Alguns fatos do tempo de D. João VI	38 – 28/06/1906
Alguns costumes do tempo de D. João VI	39 – 06/07/1906
Outros costumes e factos do tempo de D. João VI	40 – 12/07/1906
Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI	41– 18/07/1906
O reinado de D. João VI	43 – 02/08/1906
Reacção Nativista – Revolução de 1817	44 – 09/08/1906
Continuação da Revolução de Pernambuco em 1817	46 – 23/08/1906
Continuação da Revolução de Pernambuco em 1817	47 – 30/08/1906
O Constitucionalismo e o regresso da família real	48 – 06/09/1906
Independencia do Brazil de 1821 a 1822	49 – 13/09/1906
Aclamação e Coroação de D. Pedro	50 – 20/09/1906
O 2 de Julho na Bahia – 1823	51– 27/09/1906
Abertura e dissolução da Assembleia Constituinte. Confederação do Equador (1823-1824)	52 – 04/10/1906
Alguns factos do reinado de D. Pedro I – 1825-1827	53 –11/10/1906

Um episódio da Guerra com a Argentina 1828	54 – 18/10/1906
Acontecimento do fim do reinado de D. Pedro I	55 – 25/10/1906
A abdicação de D. Pedro I – 7 de abril de 1831	56 – 01/11/1906
Aclamação de D. Pedro II – 7 de abril de 1831	57 – 08/11/1906
Capítulo XXXV – Reinado de D. Pedro II	59 – 22/11/1906
Factos da minoridade de D. Pedro II	60 – 29/11/1906
Reinado de D. Pedro II	62 – 13/12/1906
Sublevação da Ilha das Cobras, em 7 de outubro de 1831	63 – 19/12/1906
Guerra do madeira, no Ceará	66 – 10/01/1907
Fim da Guerra do Madeira, no Ceará	67 – 17/01/1907
A guerra do dictador Rosas - seu fim – 1852	83 – 08/05/1907
A Questão Christie – 1861-1863	87 – 06/06/1907
A Tomada de Paysandú – 1865	88 – 13/06/1907
Episódios (sic) da tomada de Paysandú	89 – 20/06/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870	90 – 27/06/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870	90 – 04/07/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Batalha Naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865	92 – 11/07/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Batalha Naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865 (continuação)	94 – 25/07/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Batalha Naval do Riachuelo (continuação)	95 – 01/08/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Ocupação e rendição de Uruguayana	96 – 08/08/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Rendição de Uruguayana	97 – 15/08/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 O Passo da Pátria	98 – 22/08/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 A Batalha de Tuyuty – 24 de maio de 1866	99 – 29/08/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Um episódio da grande batalha de Tuyuty – 24 de maio de 1866	102 – 12/09/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Bombardeio e Ocupação de Curuzú	104 – 03/10/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 A chegada do Duque de Caxias ao campo do nosso exército no Paraguay	106 – 17/10/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Arrebanhamento de gado – Contornamento da Fortaleza de Humaitá	108 – 31/10/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Uma prova de bravura e sangue-frio de Ozorio	110 – 14/11/1907
Guerra do Paraguay 1864-1870 Uma ascensão de balão	113 – 05/12/1907

Fonte: Elaborado a partir dos dados coletados na Hemeroteca Digital Brasileira, 2022.